**Uma imagem com desenho, ilustração

Descrição gerada automaticamente com confiança baixaRITOS INICIAIS**

**Saudação Inicial**

P. Entramos no Tempo Comum. A Liturgia veste-se de verde, a cor litúrgica que associamos à esperança. Para nós, esta esperança renova-se em cada Domingo, o primeiro da semana, o dia da Ressurreição, «o oitavo dia», o dia novo, que ultrapassa o ritmo habitual, marcado pela cadência semanal. Celebramos o Domingo, na expetativa do Domingo, sem fim, “*abrindo assim o ciclo do tempo comum à dimensão da eternidade, à vida que dura para sempre: está é a meta, para a qual tendemos na nossa peregrinação terrena (cf. Rm 6,22)*” (cf. *Spes non confundit*, n.º 20); esta é a meta da qual nos tornamos “*Peregrinos de esperança*”. Desta esperança, dá-nos testemunho Maria, na cena das bodas de Caná, esperando de Jesus a resposta para aquilo que parecia não ter saída nem solução. Maria é sobre a mesa a vela acesa da nossa esperança.

**Ato Penitencial**

P. Purifiquemos o nosso coração. Nós não somos purificados pela água das seis talhas, mas pela misericórdia do Senhor, que deu o Seu Sangue por nós. Que Ele converta a água suja do nosso Batismo em vinho bom de esperança para todos.

P. **Senhor,** Esposo fiel da Igreja, Vosso Povo amado, **tende piedade de nós!**

R. **Senhor, tende piedade de nós!**

P. **Cristo,** Esposo apaixonado pela nossa humanidade, **tende piedade de nós!**

R. **Cristo, tende piedade de nós!**

P. **Senhor,** Deus da esperança, da alegria, do amor e da festa, **tende piedade de nós!**

R. **Senhor, tende piedade de nós!**

**Hino do Glória**

**Oração Coleta**

**LITURGIA DA PALAVRA**

NSH 15h30: Marisa | SMG 17h30: Ana Pinto | ISF 09h00: Marta Alves | NSH 11h00: Aline | NSH19h00: Fátima Pires

**1.ª Leitura:** Forma mais breve nas Missas com Catequese

**Leitura do Livro de Isaías**

Diz o Senhor a Jerusalém:

Não mais te chamarão «Abandonada»,

nem à tua terra «Deserta»,

mas hão de chamar-te «Predileta»

e à tua terra «Desposada»,

porque serás a predileta do Senhor

e a tua terra terá um esposo.

Tal como o jovem desposa uma virgem,

o teu construtor te desposará;

e como a esposa é a alegria do marido,

tu serás a alegria do teu Deus.

**Palavra do Senhor.**

**Salmo Responsorial: Sl. 95(96): Anunciai a todos os Povos as maravilhas do Senhor** – nas Missas com Catequese apenas as duas primeiras estrofes

NSH 15h30: Noémia | SMG 17h30: Glória Silva | ISF 09h00: Anabela Araújo | NSH 11h00: Francisco Pamplona | NSH 19h00: Paula Branco

**2.ª Leitura:** Forma mais breve nas Missas com Catequese

**Leitura da primeira Epístola do apóstolo São Paulo aos Coríntios**

Irmãos:

Há diversidade de dons espirituais,

mas o Espírito é o mesmo.

Há diversidade de ministérios,

mas o Senhor é o mesmo.

Há diversidade de operações,

mas é o mesmo Deus que realiza tudo em todos.

Um só e o mesmo Espírito que faz tudo isto,

distribuindo os dons a cada um

conforme Lhe agrada.

**Palavra do Senhor.**

**Aclamação ao Evangelho:** Aleluia.

**Evangelho: leitura integral:** Jo 2,1-11

**Homilia no II Domingo Comum C 2025**

As bodas de Caná contam seis talhas, o número da imperfeição, mas são uma fonte de inspiração (com mais de sete bicas!) para quem se atreve a esperar pelo vinho bom. Para não vos embriagar, Maria vai servir-nos três taças cheias do vinho da esperança!

**1. Primeira taça: «*Não têm vinho*»** (Jo 2,3)**!** O vinho é o sinal de alegria, do amor, da abundância, da esperança. «*Não têm vinho*», quer dizer, não têm alegria, não têm amor, não têm casa, não têm saúde, não têm trabalho, não têm paz. Maria vê que falta ali o vinho, mas não desespera, não deprime face às incertezas da vida, não se enfurece perante os dramas, mantém a confiança fundamental na vida, tal qual ela é, com os seus dias felizes e com as desgraças que ninguém deseja. Nessa esperança, Maria vê que falta o vinho, mas não vai ter com o chefe de mesa. Maria dirige-Se com confiança a Jesus. A resposta de Jesus podia até desalentá-la: «*E que tem isso a ver contigo e comigo? Ainda não chegou a minha hora*» (Jo, 2,4). Mas, entretanto, Maria espera tudo de Jesus, não sabe bem o que virá, mas espera, com toda a confiança. Para já, Maria deixou o problema nas mãos de Deus. Maria ensina-nos, assim, a rezar, a confiar, a passar *a batata quente*, a entregar, às mãos de Deus, os nossos vazios, os nossos problemas, as nossas ansiedades, aquilo que parece não ter remédio nem saída na nossa vida. Maria ensina-nos a rezar, para dar força à esperança; ensina-nos a confiar ao Senhor as nossas *talhas vazias ou aguadas*, para as encher do vinho da esperança. Em Caná, Maria é sobre a mesa a vela acesa da esperança. Ela acende *a chama viva da esperança*. Ela sabe que as nossas preocupações também preocupam a Deus! Jesus é a Porta de saída, para o que parece sem solução. Desta esperança, Maria ergue a segunda taça:

**2. Segunda taça: “*Fazei o que Ele disser*”** (Jo 2,4)**!** Maria não fica sentada, à espera que chova. Ela atua com sensatez e coragem. Põe-se ao serviço e envolve os serventes: «*Fazei o que Ele vos disser*». *Diga Ele o que vos disser, fazei-o.* No coração de Maria, há a grande esperança deste amor de Deus, que não engana (Rm 5,5). “*Fazei o que Ele vos disser*” indica a certeza de que Deus nunca nos deixará sem saída. Às vezes, perdermos a esperança de encontrar uma saída. Dois ou três insucessos e desanimamos. E então embebedamo-nos com o vinagre do desespero: “*Talvez me tenha enganado na escolha; talvez tenha feito tudo errado; sinto-me agora atado de pés e mãos. Estou num beco sem saída»*. A frase de Maria vai em sentido contrário: “*Fazei o que Ele vos disser*”, porque há uma saída, há uma solução, para ti, para a tua família, para este mundo que parece condenado à guerra, à fome, ao desastre ecológico. Desta confiança em Deus, nascem todas as energias de renovação! Nesta esperança, é possível mudar a água em vinho, transformar os corações, mudar as situações. No casal, em família, os milagres fazem-se com o que há, com o que somos, com o que se tem em casa e com o que tem à mão. Até a *água de lavar as mãos* se pode converter em *vinho bom*, porque, pela graça de Deus, «*onde abunda o pecado, superabunda a graça*» (Rm 5, 20). Com esta esperança é sempre possível recomeçar. Ora, o Jubileu “*é um novo início, a possibilidade para todos de recomeçar a partir de Deus. Com o Jubileu começamos uma nova vida, uma nova etapa*” (Audiência, 11.01.2025). Não deixemos que nos roubem a esperança!

**3. Terceira taça:** **“*Tu guardaste o melhor vinho até agora*”** (Jo 2,10)**.** O melhor vinho ainda não foi bebido. O que há de mais gracioso, de mais belo e profundo, para o casal, para a família, ainda não chegou. O melhor vinho aguardamo-lo com esperança; ainda não veio para cada pessoa ou família, que aposta e arrisca tudo no amor. O melhor vinho não é o da despedida de solteiro, o das bodas de casamento, o da viagem de núpcias. O melhor vinho virá ainda. Recordo aquele marido, à porta da Igreja, para a celebração das bodas de ouro matrimoniais. Mostro-lhe o guião, com a foto do casamento. Ele olha para a esposa e diz-lhe: “*Tu agora estás muito mais bonita*”. Sussurrai aos vossos corações, dizei-o aos desesperados, aos que desistiram do amor: “*O melhor vinho vem no fim. Tende paciência,* ***tende esperança****. Deus é rico em dons e surpresas*”. Como Maria, rezai, atuai, abri o coração, porque o melhor vinho ainda está para vir! Enchamos as talhas vazias, com a água das nossas lágrimas e preces. E o Senhor nos dará o melhor vinho, o vinho bom, servido por Jesus, no cálice da nova e eterna aliança!

**CREDO**

**ORAÇÃO DOS FIÉIS**

P. Irmãos e irmãs: Maria ensina-nos a ter fé, a rezar, a esperar, a confiar, a entregar, às mãos de Deus, os nossos vazios, os nossos problemas, as nossas ansiedades, aquilo que parece não ter remédio. Por isso, invoquemos a Mãe do Senhor, dizendo:

R. **Maria, Mãe da Esperança, intercedei por nós!**

1. Para que a graça deste Ano Jubilar reanime a esperança de toda a Igreja na missão de transformar o mundo, com a alegria do Evangelho. Invoquemos. R.
2. Para que a graça deste Ano Jubilar desperte naqueles que governam, uma energia transformadora, para que não faltem às pessoas e famílias, uma terra, um teto e um trabalho. Invoquemos. R.
3. Para que a graça do Ano Jubilar dê a quanto se sentem «num beco sem saída» a esperança, a força que vem de Deus, *para poderem recomeçar* o caminho da vida! Invoquemos. R.
4. Para que a graça deste Ano Jubilar favoreça o caminho de reconciliação, especialmente entre os casais desavindos e entre pessoas da mesma família. Invoquemos. R.
5. Para que a graça deste Ano Jubilar nos estimule a oferecer sinais de esperança, sobretudo às pessoas sós, separadas, divorciadas e recasadas. Invoquemos.

P. Senhor, nosso Deus, Esposo fiel do Povo que amais, atendei às nossas orações. Pela intercessão atenta de Maria, Mãe e testemunha da Esperança, concedei-nos generosamente o que Vos pedimos com fé. Por N.S.J.C., Vosso Filho, que é Deus convosco na unidade do Espírito Santo. R. Ámen.

**LITURGIA EUCARÍSTICA**

**Prefácio** Dominical X e O.E. II ou O.E. IV (com Prefácio próprio)

Ou

**Prefácio** das Missas da Virgem Santa Maria | Nossa Senhora de Caná e O.E. II

Senhor, Pai santo,

é verdadeiramente nosso dever dar-Vos graças,

é nossa salvação, bendizer-Vos,

na celebração [da manifestação de Cristo, Vosso Filho e],

da gloriosa Virgem Maria.

Em Caná da Galileia, atenta aos novos esposos,

Ela rogou ao Seu Filho e mandou aos serventes que cumprissem as suas ordens; as talhas tingiram-se, os convivas alegraram-se e aquele banquete nupcial simbolizou o que Cristo oferece cada dia à sua Igreja.

Este sinal maravilhoso anunciou a vinda do tempo messiânico,

e também assinalou de antemão a hora misteriosa

em que Cristo Se adornou com a púrpura da Paixão

e deu a sua vida na Cruz, pela Igreja sua Esposa.

Por Ele, com a multidão dos Anjos,

que adoram a Vossa Majestade

e se alegram eternamente na vossa presença,

proclamamos a vossa glória, cantando numa só voz:

**Santo…**

**Oração Eucarística**

**Ritos da Comunhão**

**RITOS FINAIS**

**Agenda Pastoral | Guifões**

1. Pároco estará ausente, de segunda a sexta-feira, a orientar o retiro do Clero da Diocese de Angra (Açores). A Missa habitual, à quinta-feira, será substituída, nesta semana, por uma celebração da Palavra com distribuição da Comunhão.
2. Sexta, dia 24, às 21h30, em Matosinhos, reúne a Equipa Vicarial da Pastoral sociocaritativa.
3. Celebraremos no próximo domingo, o 6.º Domingo da Palavra de Deus.
4. Por ser o Domingo da Palavra de Deus, em todas as Missas do próximo fim de semana, de 25 e 26 de janeiro, os fiéis são convidados a trazer consigo a sua Bíblia ou alguma edição dos Quatro Evangelhos.
5. Há Bíblias à venda (15 €) ou a edição dos Quatro Evangelhos e livros de Salmos (5 €).
6. No domingo, dia 26, às 16h00, na Igreja Catedral do Porto, os leitores celebram o seu Jubileu.
7. Domingo, dia 26, às 15h00, na Igreja Matriz o Rancho Regional de Guifões promove o Encontro de Cantares das Janeiras, a que se associam dois grupos convidados.

**Agenda pastoral | Senhora da Hora**

1. Pároco estará ausente, de segunda a sexta-feira, a orientar o retiro do Clero da Diocese de Angra (Açores). Não há Missas, de segunda sexta. Haverá duas celebrações da Palavra com distribuição da comunhão: na segunda-feira, na Igreja Antiga, às 19h00, como é habitual e uma outra na quarta-feira, às 19h00, na Igreja Paroquial.
2. Sexta, dia 24, às 21h30, em Matosinhos, reúne a Equipa Vicarial da Pastoral sociocaritativa.
3. Celebraremos no próximo domingo, o 6.º Domingo da Palavra de Deus.
4. Por ser o Domingo da Palavra de Deus, em todas as Missas do próximo fim de semana, de 25 e 26 de janeiro, os fiéis são convidados a trazer consigo a sua Bíblia ou alguma edição dos Quatro Evangelhos.
5. Há Bíblias à venda (15 €) ou a edição dos Quatro Evangelhos e livros de Salmos (5 €).
6. No domingo, dia 26, às 16h00, na Igreja Catedral do Porto, os leitores celebram o seu Jubileu.

**Bênção**

**Despedida:** Desta mesa do vinho novo, levai a esperança a todos, a começar pelos de vossa casa. Peregrinos de esperança, ide em paz e que o Senhor vos acompanhe!

**Oração para a bênção da mesa**

**III Domingo Comum C || 19.01.2025**

Senhor Jesus,

Esposo divino,

toma parte da nossa mesa.

E que Maria, tua Mãe,

seja a vela acesa

da nossa esperança,

quando vier a faltar a alegria,

a saúde, a paz, a companhia.

Neste caminho de peregrinos,

dá-nos o Teu Pão

que restauras as nossas forças,

e dá-nos o Teu vinho bom,

que alegra de esperança

o nosso coração.

Ámen.

Uma imagem com texto, Desenho animado, ilustração, desenho

Descrição gerada automaticamente

**OUTROS TEXTOS**

**E HOMILIAS**

**PARA O II DOMINGO COMUM C**

**Homilia no II DOMINGO COMUM C 2022**

**1*.***Estamos a viver o Ano Família *Amoris laeititia*. Estas duas palavras latinas significam **«*A ALEGRIA DO AMOR*»** e são as primeiras da Exortação Apostólica do Papa Francisco às famílias, assinada em 19 de março de 2016. Dizia aí o Papa: «*A alegria do amor que se vive nas famílias, é também o júbilo da Igreja*» (AL 1). Este júbilo tem expressão simbólica no *vinho bom* que alegra o coração humano; no vinho bom, que vem no fim da festa, e que ninguém sabe de onde vem, porque é obra das mãos de Deus, e por isso, expressão daquela alegria maior, da alegria completa, da perfeita alegria do amor, que só Cristo pode oferecer aos esposos. Em Caná da Galileia, Jesus não só participa, como amigo, numas bodas de casamento, como é Ele próprio que *salva a festa*, com o *sinal* do vinho bom!

**2.** Esta alegria do vinho bom, que vem no fim, reporta-nos, ao princípio de tudo, quando Deus concluiu toda a obra da Criação com a sua obra-prima: *o homem e a mulher*. E então, diz o texto, *Deus viu que era muito bom* (Gn 1,31). Ora, em Caná, Jesus começa os seus sinais, precisamente com esta obra-prima, num casamento, numa festa de núpcias, com um homem e uma mulher, que se dão e se recebem mutuamente. E também aqui, se diz do vinho, guardado para o fim, *que era muito bom*. Assim, Jesus ensina-nos que a obra-prima da sociedade é a família, fundada no matrimónio.

**3.** No passado dia 26 de dezembro, e no contexto deste *Ano Família Amoris laetitia*, o Papa escreveu uma Carta aos esposos, que resumo aqui em dez apelos:

1. O casamento implica sempre a coragem de sair de si mesmo e das suas seguranças, para sair rumo à terra prometida: ser dois um só em Cristo.
2. Os filhos mudam a história de cada família. Os esposos devem não só gerar os filhos, como também dar-lhes a alegria de se descobrirem como filhos de Deus.
3. Educar os filhos não é nada fácil. Mas não esqueçamos que também eles nos educam. O primeiro ambiente educativo continua sempre a ser a família, nos pequenos gestos que são mais eloquentes do que as palavras.
4. Os casais, em razão da graça do seu Batismo e do seu Matrimónio, são chamados a colaborar na promoção social da família e na pastoral familiar.
5. A vocação ao casamento é um chamamento para guiar um barco instável – mas seguro, pela realidade do sacramento – em mar às vezes agitado. Abandonando-se nas mãos do Senhor, os casais podem superar o impossível.
6. A pandemia teve o efeito positivo de nos fazer estar mais tempo juntos em família. Isto não é uma penitência, mas um refúgio no meio das tempestades.
7. Mas a pandemia também agravou e gerou conflitos. Alguns casais chegaram à rutura da sua relação. Só o perdão pode curar tais feridas.
8. Aos jovens que se preparam para o casamento, no meio de tantas incertezas, o Papa convida a não desanimarem, a terem a coragem criativa de São José. Mesmo com poucos meios, os noivos devem manter viva a confiança na Providência divina. Às vezes, são precisamente as dificuldades que fazem surgir de cada um de nós recursos que nem pensávamos ter.
9. Os avós, memória viva da humanidade, devem ser acolhidos na família: eles ajudam-nos a construir um mundo mais humano.
10. Por fim, o Papa lembra que os numerosos desafios destes tempos não podem roubar a alegria a quantos sabem que estão a caminhar com o Senhor. E termina com este apelo: **“*Não deixeis ensombrar os vossos rostos com uma fisionomia triste; o vosso marido ou a vossa esposa têm necessidade do vosso sorriso; os vossos filhos precisam de olhares dos pais que os encorajem. Os pastores e as outras famílias necessitam da vossa presença e da vossa alegria – a alegria que vem do Senhor*”**!

**Sim.** A alegria do amor em casal e em família é o júbilo da Igreja e a esperança de uma nova criação! **Nunca nos falte o *vinho novo* desta alegria do amor!**

**Homilia no II Domingo do Tempo Comum C 2019**

1. E “*ao terceiro dia*” (Jo 2,1) veio a alegria! Jesus toca com as Suas mãos as *velhas talhas* da nossa vida acostumada. E transforma a *água em vinho novo*, a angústia em esperança renovada, a tristeza da solidão na alegria da comunhão, a dor e o sofrimento em amor e paz. O *vinho bom* é feito da água destinada aos ritos de purificação, brota do que temos de mais sujo, mas que Jesus toma e transforma, em Suas mãos. E, no coração desta transformação, nas bodas de Caná, está uma presença feminina, materna, discreta, atenta: a de Maria, a Mãe de Jesus: “*A mãe de Jesus estava lá*” (*Jo* 2,1)! Ela é *Mãe* e causa da alegria. Ela é a *Mulher*, a figura maior do novo povo de Deus. Ela é o que tem de melhor o povo do Senhor! Ela é “*a amiga sempre solícita, para que não falte o vinho* [da alegria] *na nossa vida*” (EG 286).

2. E que diz Maria aos serventes? “*Fazei tudo o que Ele vos disser”* (*Jo* 2,5). Com estas palavras, Maria não está *a sacudir a água do capote*. Pelo contrário, Maria, colocada entre o Filho de Deus e os filhos dos homens, mostra-Se inteiramente disponível para obedecer, está pronta para amar e servir. Nesta recomendação aos serventes *“Fazei tudo o que Ele vos disser”*, Maria envolve-nos no seu próprio *sim*, quando Ela mesma dissera ao Senhor: “*Faça-se em Mim, segundo a tua Palavra*” (*Lc* 1, 38).

3. Estarmos disponíveis para *fazer* – e *fazer* significa *servir* – é a condição que torna possível ao Senhor transformar a nossa vida, revolucionar o mundo inteiro, a partir do nosso pequeno mundo, da nossa vida, da nossa casa, da nossa família. É a *revolução do serviço*! E por onde começa esta revolução do serviço, que tudo *enforma, reforma e transforma*? Começa sempre pelo “*faça-se*”. Foi assim no princípio da Criação, quando Deus disse: “*Faça-se a luz e a luz fez-se*” (*Gn* 1,3). Foi assim quando Maria disse “*Faça-se*” (*Lc* 1,38), “e o Verbo fez-Se Carne” (*Jo* 1,13)! Foi assim com Jesus, ao entrar neste mundo (*Heb* 10,7; *Sl* 40,7-9) e ao partir para o Pai: “*Eu venho, ó Deus, para fazer a Tua vontade*” (*Lc* 22,42). É e será sempre assim, quando vivermos o que rezamos no Pai-Nosso: “S*eja feita a Vossa vontade*” (*Mt* 6,10). Este *faça-se*, de prontidão, é a palavra de ordem, que desencadeia no mundo a necessária revolução do serviço!

4. Nestes dias, de 22 a 27 de janeiro, permaneçamos especialmente unidos ao Papa Francisco e aos jovens de todo o mundo, reunidos na *Jornada Mundial da Juventude*, no Panamá. O coração de Maria está bem no centro deste acontecimento mundial. Aprendamos do seu *faça-se* a pôr em prática um amor solícito, concreto, cheio de audácia e projetado para o dom de nós mesmos. Uma Igreja inspirada por estas qualidades marianas será sempre uma *Igreja em saída,* que ultrapassa os seus limites e confins, para fazer transbordar em abundância a graça recebida! Se nos deixarmos contagiar pelo exemplo de Maria, viveremos concretamente aquela caridade, que nos impele a amar Deus acima de tudo e antes de nós mesmos, a amar as pessoas com quem partilhamos a vida diária, a começar pelas pessoas da nossa casa! É um amor que se torna serviço e dedicação, sobretudo pelos mais fracos e mais pobres, e que transforma os nossos rostos e nos enche de alegria. Um amor que diz sempre ao outro: “*Que queres, que precisas que eu faça por ti*”?

5. Queridos irmãos e irmãs, especialmente vós, os mais novos, vós, queridos jovens, tende a coragem de perguntar a Deus: *Senhor, que quereis que eu faça?* Deixai que o Senhor vos fale ao coração e *fazei tudo o que Ele vos disser*, como nos pedia hoje Maria. E vereis a vossa vida transformar-se e encher-se de alegria, como naquele *terceiro dia*, nas bodas de Caná, a anunciar já a hora gloriosa da manhã de Páscoa!

**Homilia no II Domingo Comum C 2016**

*«A bodas e batizados, só vão os convidados»*! E nas bodas de Caná, “*estava a Mãe de Jesus. Jesus e os seus discípulos foram também convidados para o casamento*”. Poderíamos, por isso, reler este evangelho, em que Jesus realiza o Seu primeiro sinal, pensando *no casamento e na vida em família*, como lugares, por excelência, da manifestação da glória de Deus, isto é, do Seu Amor pelos homens, aos quais Jesus Se entrega, como verdadeiro Esposo.

**I.** Fixemo-nos, primeiramente, e sobretudo, em Maria, a Mãe de Jesus, que aqui se distingue por três atitudes: *Maria está atenta, intercede e age, em consequência*.

1.1. **Maria está atenta!** Ela é a primeira a dar conta da falta do vinho. E onde falta o vinho, falta a alegria, a festa, a beleza da família reunida. Quantas das nossas crianças, adolescentes e jovens percebem que, em suas casas, há muito não há desse vinho! Quantas mulheres, sozinhas e tristes, se interrogam quando o amor se diluiu da sua vida! Quantos idosos se sentem fora da festa das suas famílias, abandonados num canto e já sem beber do amor diário dos seus filhos, dos seus netos, dos seus bisnetos?!

1.2. **Maria intercede por nós**! Ela dirige-se com confiança a Jesus: «*não têm vinho*»: e poderia dizer “*não têm saúde, não têm casa, não têm trabalho, não têm fé, não têm esperança, não têm amor*”! Maria não é aqui uma mãe «reclamadora», nem uma sogra que espia, para se consolar com os nossos erros ou descuidos. Maria, simplesmente, é Mãe! Como Mãe, permanece ao nosso lado, atenta e solícita. Ela ensina-nos a deixar as nossas famílias, nas mãos de Deus; ensina-nos a rezar, uns pelos outros, acendendo a esperança: quando rezamos, sabemos quanto as nossas preocupações também preocupam o Senhor, que tudo transforma.

1.3. **E, finalmente, Maria atua**. As palavras «*fazei o que Ele vos disser*» (v. 5) são um convite dirigido também a nós, para nos colocarmos à disposição de Jesus, que veio para servir e não para ser servido. O serviço é o critério do verdadeiro amor. E isto aprende-se especialmente na família, onde nos tornamos servidores uns dos outros por amor. Dentro da família, ninguém pode ser descartado, porque todos valem o mesmo. Por isso, a família há de ser o hospital mais próximo, a primeira escola dos filhos, o grupo de referência imprescindível para os jovens, o melhor lar para os idosos. A família constitui a grande «riqueza social», que outras instituições não podem substituir. Por isso, é, em primeiro lugar, a partir da própria família, que os nossos problemas devem começar a ser resolvidos.

**II.** **Em segundo lugar**, Caná também nos ensina outra coisa: o vinho melhor nasce das velhas talhas da purificação, isto é, vem precisamente do lugar onde todos tinham deixado o lixo da sua impureza. Tal vinho nasce, por assim dizer, do «piorzinho», porque «*onde abundou o pecado, superabundou a graça*» (*Rm* 5, 20). Por isso, na família, os milagres fazem-se com o que há, com o que somos, com aquilo que a pessoa tem à mão. Muitas vezes não é o ideal, não é o que sonhamos, nem o que «deveria ser». Na família, nada se perde, tudo se transforma, se fizermos o que Jesus nos disser, se O deixarmos entrar na solução do problema!

**III.** Mas há um **último detalhe**: *o vinho era bom*. E esta é a boa nova: o melhor dos vinhos ainda não foi bebido! Quer dizer, o mais gracioso, o mais profundo e o mais belo, para a família ainda não chegou! Aguardamo-lo com esperança, para cada pessoa, que aposta no amor. E na família há que apostar sempre no amor, há que arriscar no amor. Dizei isto aos desesperados, aos tristes, aos que desistiram do amor: o Senhor aproxima-Se daqueles que ficaram sem vinho, daqueles que só têm o vinagre dos desânimos e da amargura para beber!

Que o vinho novo da Eucaristia nos dê a saborear esta alegria de viver em família!

**SANTA MISSA PELAS FAMÍLIAS - HOMILIA DO SANTO PADRE**

**Parque dos Samanes, Guayaquil, Equador**

**Segunda-feira, 6 de Julho de 2015**

A passagem do Evangelho que acabámos de ouvir é o primeiro sinal portentoso que se realiza segundo a narrativa do Evangelho de João. A preocupação de Maria, transformada em súplica a Jesus: «Não têm vinho!» - disse-Lhe - e a referência à «hora» compreender-se-ão, depois, nos relatos da Paixão. É bom que assim seja, porque permite-nos ver a ânsia de Jesus por ensinar, acompanhar, curar e alegrar, a começar da súplica de sua Mãe: «Não têm vinho!» As bodas de Caná repetem-se em cada geração, em cada família, em cada um de nós e nossas tentativas de fazer com que o nosso coração consiga apoiar-se em amores duradouros, em amores fecundos e em amores felizes. Demos um lugar a Maria, «a mãe», como diz o evangelista. E façamos com Ela agora o itinerário de Caná.

**Maria está atenta**, está atenta naquelas bodas já iniciadas, é solícita pelas necessidades dos esposos. Não Se fecha em Si mesma, não Se encerra no seu mundo; o seu amor fá-La «ser para» os outros. Nem procura as amigas para comentar o que se está a passar e criticar a má preparação das bodas. E como está atenta, com a sua discrição dá-Se conta de que falta o vinho. O vinho é sinal de alegria, de amor, de abundância. Quantos dos nossos adolescentes e jovens percebem que, em suas casas, há muito que não existe desse vinho! Quantas mulheres, sozinhas e tristes, se interrogam quando foi embora o amor, quando o amor se diluiu da sua vida! Quantos idosos se sentem deixados fora da festa das suas famílias, abandonados num canto e já sem beber do amor diário dos seus filhos, dos seus netos, dos seus bisnetos. A falta desse vinho pode ser efeito também da falta de trabalho, das doenças, situações problemáticas que as nossas famílias atravessam em todo o mundo. Maria não é uma mãe «reclamadora», nem uma sogra que espia para se consolar com as nossas inexperiências, os nossos erros ou descuidos. Maria, simplesmente, é mãe! Permanece ao nosso lado, atenta e solícita. É belo escutar isto: Maria é mãe! Tendes coragem para o dizer todos juntos comigo? Então: Maria é mãe! Outra vez: Maria é mãe! Outra vez: Maria é mãe!

Maria, porém, no momento em que constata que falta o vinho, dirige-Se com confiança a Jesus: isto significa que **Maria reza**. Vai ter com Jesus, reza. Não vai ao chefe de mesa; apresenta a dificuldade dos esposos diretamente a seu Filho. A resposta que recebe parece desalentadora: «E que tem isso a ver contigo e comigo? Ainda não chegou a minha hora» (v. 4). Mas, entretanto, já deixou o problema nas mãos de Deus. A sua aflição com as necessidades dos outros apressa a «hora» de Jesus. E Maria é parte desta hora, desde o presépio até à cruz – Ela soube «transformar um curral de animais na casa de Jesus, com uns pobres paninhos e uma montanha de ternura» (EG 286), e recebeu-nos como filhos quando uma espada Lhe trespassava o coração –, Maria ensina-nos a deixar as nossas famílias nas mãos de Deus; ensina-nos a rezar, acendendo a esperança que nos indica que as nossas preocupações também preocupam a Deus. E, rezar, sempre nos arranca do perímetro das nossas preocupações, fazendo-nos transcender aquilo que nos magoa, o que nos agita ou o que nos faz falta a nós mesmos, e nos ajuda a colocarmo-nos na pele dos outros, calçarmos os seus sapatos. A família é uma escola onde a oração também nos lembra que há um nós, que há um próximo vizinho, patente: que vive sob o mesmo teto, que compartilha a vida e está necessitado.

E, finalmente, **Maria atua**. As palavras «fazei o que Ele vos disser» (v. 5), dirigidas aos serventes, são um convite dirigido também a nós para nos colocarmos à disposição de Jesus, que veio para servir e não para ser servido. O serviço é o critério do verdadeiro amor. Aquele que ama serve, põe-se ao serviço dos outros. E isto aprende-se especialmente na família, onde nos tornamos servidores uns dos outros por amor. Dentro da família, ninguém é descartado; todos valem o mesmo.

Lembro-me que uma vez perguntaram à minha mãe qual dos cinco filhos – nós somos cinco irmãos – qual dos cinco filhos amava mais. E ela disse [mostra a mão]: como os dedos, se me picam este dói-me o mesmo que se me picam outro. Uma mãe ama seus filhos como são. E, numa família, os irmãos amam-se como são. Ninguém é descartado.

Lá, na família, «aprende-se a pedir licença sem servilismo, a dizer “obrigado” como expressão duma sentida avaliação das coisas que recebemos, a dominar a agressividade ou a ganância; lá se aprende também a pedir desculpa quando fazemos algo de mal, quando nos ofendemos. Porque, em toda a família, há ofensas. O problema é depois pedir perdão. Estes pequenos gestos de sincera cortesia ajudam a construir uma cultura da vida compartilhada e do respeito pelo que nos rodeia» (Laudato si', 213). A família é o hospital mais próximo, quando uma pessoa está doente cuidam-na lá enquanto se pode. A família é a primeira escola das crianças, é o grupo de referência imprescindível para os jovens, é o melhor asilo para os idosos. A família constitui a grande «riqueza social», que outras instituições não podem substituir, devendo ser ajudada e reforçada para não perder jamais o justo sentido dos serviços que a sociedade presta aos seus cidadãos. Com efeito, estes serviços que a sociedade presta aos cidadãos não são uma espécie de esmola, mas uma verdadeira «dívida social» para com a instituição familiar, que é a base e que tanto contribui para o bem comum de todos.

A família também forma uma pequena Igreja – chamamo-la «Igreja doméstica» – que, juntamente com a vida, canaliza a ternura e a misericórdia divina. Na família, a fé mistura-se com o leite materno: experimentando o amor dos pais, sente-se mais perto do amor de Deus.

E, na família – disto todos somos testemunhas -, os milagres fazem-se com o que há, com o que somos, com aquilo que a pessoa tem à mão. Muitas vezes não é o ideal, não é o que sonhamos, nem o que «deveria ser». Há qui um detalhe que nos deve fazer pensar: o vinho novo, o vinho melhor, como o designa o mestre de mesa nas bodas de Caná, nasce das talhas de purificação, isto é, do lugar onde todos tinham deixado o seu pecado… Nasce do «piorzinho», porque «onde abundou o pecado, superabundou a graça» (Rm 5, 20). E na família de cada um de nós e na família comum que todos formamos, nada se descarta, nada é inútil. Pouco antes de começar o Ano Jubilar da Misericórdia, a Igreja vai celebrar o Sínodo Ordinário dedicado às famílias, para amadurecer um verdadeiro discernimento espiritual e encontrar soluções e ajudas concretas para as inúmeras dificuldades e importantes desafios que hoje a família deve enfrentar. Convido-vos a intensificar a vossa oração por esta intenção: para que, mesmo aquilo que nos pareça impuro como a água das talhas, nos escandalize ou nos espante, Deus – fazendo-o passar pela sua «hora» - possa milagrosamente transformá-lo. Hoje a família precisa deste milagre.

E toda esta história começou porque «não tinham vinho» e tudo se pôde fazer porque uma mulher – a Virgem Maria – esteve atenta, soube pôr nas mãos de Deus as suas preocupações e agiu com sensatez e coragem. Mas há um detalhe, não é menos significativo o dado final: saborearam o melhor dos vinhos. E esta é a boa nova: o melhor dos vinhos ainda não foi bebido, o mais gracioso, o mais profundo e o mais belo para a família ainda não chegou. Ainda não veio o tempo em que saboreamos o amor diário, onde os nossos filhos redescobrem o espaço que partilhamos, e os mais velhos estão presentes na alegria de cada dia. O melhor dos vinhos aguardamo-lo com esperança, ainda não veio para cada pessoa que aposta no amor. E na família há que apostar no amor, há que arriscar no amor. E o melhor dos vinhos ainda não veio, mesmo que todas as variáveis e estatísticas digam o contrário; o melhor vinho ainda não chegou para aqueles que hoje veem desmoronar-se tudo. Murmurai isto até acreditá-lo: o melhor vinho ainda não veio. Murmurai-o cada um no seu coração: o melhor vinho ainda não veio. E sussurrai-o aos desesperados ou aos que desistiram do amor: Tende paciência, tende esperança, fazei como Maria, rezai, atuai, abri o coração porque o melhor dos vinhos vai chegar. Deus sempre Se aproxima das periferias de quantos ficaram sem vinho, daqueles que só têm desânimos para beber; Jesus sente-Se inclinado a desperdiçar o melhor dos vinhos com aqueles que, por uma razão ou outra, sentem que já se lhes romperam todas as talhas.

Como Maria nos convida, façamos «o que o Senhor nos disser» Fazei o que Ele vos disser. E agradeçamos por, neste nosso tempo e nossa hora, o vinho novo, o melhor, nos fazer recuperar a alegria da família, a alegria de viver em família. Assim seja.

**Homilia na Missa com Catequese II Domingo Comum C 2013**

*Deverá ter-se em conta que são crianças do 1º ano e que vão receber no final do ano, a Ave-Maria. Aproveitar para catequizar os pais sobre a oração.*

1. Estou a olhar para estes meninos do 1º ano. E penso para mim: como está bonita a nossa Igreja! Através destes meninos, também hoje, Jesus faz um grande milagre: enche esta casa de festa e traz grande alegria aos nossos corações. Não penseis que é um milagre pequeno. É um grande sinal: onde está Jesus, também está a alegria. Onde não há alegria, Jesus não passou ainda por lá, é porque ainda não Lhe abrimos a porta. Ele entra na nossa vida, pela porta da fé e, com a fé, transborda a alegria.
2. Mas esta alegria que Jesus nos traz, chega sempre pela mão de Maria! Ouvimos, no evangelho, como Maria estava atenta! As mães estão sempre atentas. Elas sabem de nós, muito antes de nós! Antes de nos queixarmos do que precisamos, já as mães o sabem há muito. Com a Mãe de Jesus também é assim.
3. Ela ensina-nos *o truque*, para encontrar a fé e a alegria. Ela ensina-nos a rezar, para aumentar a nossa fé. Maria ensina-nos como devemos estar, como nos devemos comportar diante de Jesus. Vamos lembrar como é que Maria chegou a Jesus e aproximou os outros de Jesus:
   1. Em boa verdade, Maria não faz um verdadeiro pedido a Jesus. Não pede um milagre. Ela simplesmente apresenta ao Filho a dificuldade, na qual os seus amigos se encontravam: não têm vinho. Não têm alegria. Maria dá-Lhe conta da situação. Maria está sempre atenta às nossas dificuldades e apresenta-as a Jesus.
   2. Maria coloca tudo nas mãos de Jesus e abandona-se a Ele e ao Seu modo de fazer as coisas. Ela confia a situação a Jesus, deixando para Ele a decisão sobre o modo como deverá agir ou reagir.
   3. A resposta ou a reação de Jesus cai como “*um balde de água fria*”. Mas Maria não desanima, com aquela resposta, que – imaginamos - não esperava. Nem sequer esta aparente recusa de Jesus a desanima. Ela tem confiança em Jesus. Ela só quer o que o Seu Filho também quer. Maria aprende a ouvir um «não». E aprende a «esperar» pela hora. Cada coisa tem o seu tempo e o seu lugar. Maria deixa que a sua vontade seja igual à do Filho.
4. Assim, nas palavras simples da Mãe de Jesus há duas coisas, que ficamos a saber, a respeito de Maria:
   1. Ela está atenta, a cada um de nós, pronta a ajudar. Podemos confiar-lhe as nossas preocupações.
   2. Por outro lado, Maria deixa tudo nas mãos de Deus e só quer que Se faça a sua vontade. Por isso, diz: «fazei o que Ele vos disser», como eu o faço também.
5. É assim que Maria nos ensina a rezar: não querermos afirmar diante de Deus a nossa vontade e os nossos desejos, por mais importantes que sejam, por mais razoáveis que nos possam parecer, mas devemos levá-los até à sua presença e deixar que Ele decida o que tenciona fazer. Deus quer sempre o melhor para nós. E quem quer o que Deus quer, tem tudo o que quer.

**Homilia no II Domingo Comum C 2013**

*"Foi assim, que, em Caná da Galileia, Jesus deu início aos seus sinais.*

*Manifestou a Sua glória e os discípulos acreditaram n´Ele" (Jo 2,11).*

**1.** Mais do que a abundância do vinho bom, difunde-se, por toda a parte, a alegria da fé, em Jesus Cristo, o Filho de Deus. Ao que tudo indica, e pelo que se vê, Jesus não pretendia, em primeiro lugar, produzir vinho bom, para quem já bebeu bem, e para lá da medida justa. Na abundância do vinho novo, na alegria daquela festa de casamento, Jesus quer sobretudo tocar-nos e inebriar-nos, por dentro. Ele quer, em primeiro lugar, manifestar a Sua glória, isto é, fazer brilhar a paixão amorosa de Deus por nós, a superabundância do seu amor e da sua infinita bondade, para connosco. E, assim, com este primeiro sinal, de excesso, de festa e de maravilha, Jesus chama e provoca a fé dos discípulos! Eles saboreiam em Caná, a presença de Deus no meio do seu Povo, um Deus que nos despoja do que é velho e nos desposa do Seu amor nupcial.

**2.** Diríamos que o milagre mais profundo de Caná não é a transformação da água em vinho, mas é a fé dos discípulos, a fé, que tudo transforma, tudo cria e recria: ela abre os olhos ao que falta e ao que sobra, ela abre no coração as fontes da alegria; ela abre as mãos vazias à graça de Deus, sem medida. Pela fé, abrimos assim a porta da nossa vida, de todos os dias, à manifestação deste Deus, que, em Cristo, rompe os nossos limites e irrompe pela nossa casa dentro, atravessando o limiar da porta da alegria! Pela fé, chegamos assim ao encontro com Cristo, que vem, até nós, pelas mãos de Maria!

**3.** Sim, a Mãe de Deus, é aqui a «*primeira entre os crentes*», Aquela que tudo confia ao Senhor, aquela que se antecipa, a Estrela que vai à frente e conduz os discípulos à fé verdadeira! Maria, Aquela que, um dia, disse ao seu Senhor, «*faça-se a Tua vontade*», dá-nos agora a mesma senha, dita-nos a mesma palavra-chave, para abrir, todos os dias, nos nossos corações, a porta da fé: *«fazei tudo o que Ele vos disser*» (J0 2,5). Com estas belas palavras, Maria chama-nos, guia-nos e desafia-nos à fé, conduz-nos para o milagre da verdadeira alegria, na escuta fiel da palavra e na obediência às ordens do Senhor.

**4.** “Fazei o que Ele vos disser”(Jo 2,5)**!** Nestes tempos depressivos e de penúria, de *pão e água,* parece-me ouvir Maria desafiar-nos à fé, como fonte da verdadeira alegria: *“Fazei o que Ele vos disser”.* Este bom conselho da Mãepodia traduzir-se hoje, em novos imperativos de fé: Acreditai em Jesus Cristo, o Filho de Deus vivo! Acreditai, com uma fé, que outra coisa não é do que amor correspondido! Acreditai, com uma fé, que não é pura teoria da razão, mas existência vivida em transformação! Acreditai, com uma fé, que aceita a vontade de Deus, mesmo quando esta é contrária à vossa! Acreditai assim, no meio das coisas mais humanas, como a vida familiar e o amor conjugal, e então vereis a glória de Deus, a superabundância e o brilho do Seu amor por vós! Acreditai e, onde outros só veem dor e insucesso, fareis a prova do vinho bom, do amor desmedido de Deus, por vós. Acreditai e experimentareis o saboroso vinho da presença discreta de Deus, na vossa vida. Acreditai e então as *águas corredias* do vosso dia-a-dia, as grandes aflições e as pequenas gotas de alegria, hão de transformar-se no vinho novo, da Sua santa proximidade.

**5.** Para chegardes a esta fé, abri, em primeiro lugar, a porta da vossa casa, ao Senhor. Quando Ele entrar aí e por aí, preparai-vos, para a inundação, com o vinho novo do evangelho, que dará aos vossos corações uma alegria maior!

**HOMILIA NO II DOMINGO COMUM C 2010**

**1.** Não é o pão, nem a carne, não é o mínimo necessário, que falta nas bodas de Caná! Ali, em pleno banquete nupcial, acaba por faltar o vinho e, com ele, falta o sinal da alegria do coração e da profusão do amor! Enquanto a água corrente, nos remete para o essencial da vida, no seu quotidiano, o vinho,que alegra o coração do Homem**,** leva-nos a saborear o requinte e o esplendor da criação, a graça da alegria, no tempo da provação! O vinho, que nos inebria, permite-nos, de algum modo, sair de nós mesmos, entrar no êxtase do amor e intuir algo da festa nupcial, que Deus, nos prepara e oferece em seu Filho Jesus Cristo!

**2.** Ao escolher, como cenário do seu primeiro milagre, umas bodas de casamento, em Caná da Galileia, Jesus dá um claro sinal e marca toda a diferença: Com Ele, está connosco o Noivo, e por isso não há lugar para o jejum, para o luto e para a tristeza! Ele chama-nos para a alegria e para a festa, de uma vida, em aliança e em comunhão com Ele! Sem Jesus, o sangue da nossa alegria “*fica passado a água*” e a nossa vida perde a sua alma! Com Jesus, entramos pela porta da alegria e a nossa vida chega, com certeza, a conhecer as fontes da vida e do amor em abundância!

**3.** Queridos irmãos e irmãs: Frequentemente, faltará também à vida de muitos de nós, e até à vida da Igreja, não tanto o pão de cada dia, mas aquele *não sei quê* de excesso e de alegria, que dá qualidade à vida, perfume e sabor às coisas de cada dia. Quantos ritos celebrados sem inspiração. Quantas orações, sem graça. Quantos preceitos, sem amor. Tanta letra, sem espírito. Falta-nos, por vezes, *aquele não sei quê* de paixão, de entusiasmo e de festa interior, para que avance, com confiança, esta frágil barca de canas, que é o nosso coração, ou esta velha barca de Pedro, que é a nossa Igreja! Há, de facto, na nossa vida, e na vida da Igreja, necessidade de qualquer coisa de excessivo, de festivo, de alegre! E essa alegria, faz-nos tanta falta, como o pão de cada dia!

Não vivamos, em Igreja, na tristeza ou na saudade de um certo Cristo, figura ilustre do passado! Afinal somos todos contemporâneos de Jesus. Não somos simples continuadores. Ele está connosco todos os dias, presidindo-nos, precedendo-nos, chamando-nos e enviando-nos, implicando-nos na sua missão. A Igreja é a Esposa de Cristo! Não é a sua viúva! Haja então e sempre a alegria, na nossa fé e na missão!

**4.** De facto, **a fé genuína dá alegria**! E essa alegria, de fundo e de verdade, é a melhor correia de transformação e de transmissão da fé, às novas gerações! Se estivermos cansados, se não estivermos entusiasmados, pela profundidade e pela beleza da nossa fé, não podemos verdadeiramente transmiti-la, nem aos vizinhos nem aos filhos, nem às gerações futuras!

A Missão 2010, que neste mês anuncia Cristo, através do canto das janeiras, e em Fevereiro mergulhará os jovens nas fontes da alegria, é um desafio a ganhar outras pessoas, para a nossa fé cristã e a arrastar os cristãos, que cederam ao cansaço ou abandonaram a Igreja!

Devemos difundir verdadeiramente a alegria do Evangelho, como Jesus, em Caná, a partir da família, de casa em casa, de coração a coração, de pessoa a pessoa, de crente para crente. É a vós, queridos leigos, que compete levar o fermento do Evangelho à família, ao grupo social, ao meio profissional (*AG 21*). Está nas vossas mãos «transformar» o estilo pastoral da missão, *como da água para o vinho*, deixando transbordar do coração, em todos e por toda a parte, a alegria do Evangelho!

**5.** “*Vinho novo, em odres novos*” (Mt.9,17)! Novo tempo, novo anúncio, nova missão! Aprendamos de Maria, em Caná, a envolver a todos, na diversidade de pessoas, dons, ministérios, serviços e carismas! Tornemo-nos pessoas envolvidas e envolventes, para a alegria e o bem de todos. Este é o método fundamental da missão! Que nos guie e nos ajude Maria, nesta Hora. Seja Ela, a estrela da nova evangelização! Seja Ela, a *Nossa Senhora de todos os dias*, a abrir caminhos de alegria, num ano inteiro de missão!

**HOMILIA NO II DOMINGO COMUM C 2007**

**1.** Seiscentos litros de vinho novo e saboroso, é qualquer coisa de extraordinário. Uma ***incompreensível abundância***. Tal é o excesso da dádiva, que ela se constitui como o “*sinal*” que provoca o milagre da fé dos discípulos. Na verdade esta abundância, esta “***extravagância*”** é o grande “*sinal*” de Deus na Sua Criação: Ele esbanja, Ele cria todo o universo, para dar espaço ao Homem. Ele dá-nos a vida, a vida numa incrível abundância! E, então, quando se trata de nos salvar, Deus não tem mãos a medir, não tem meias-medidas, “*esbanja-se*”, faz se homem, desfaz-se de tudo e até da sua condição divina, dá a própria vida. Para Deus, *isso tudo…* parece que ainda sabe a pouco, para manifestar quanto Ele nos ama! Esta abundância do vinho é aqui o sinal daquele Amor, que não se põe a contar e a pesar, daquele amor que não mede, nem enumera: um amor, que não reserva para si, que simplesmente Se dá. Nesta abundância desmedida, Jesus permite-nos intuir a magnificência, a grandeza e a inesgotável bondade de Deus, fonte de amor e de alegria!

**2.** Trata-se, ainda assim, da ***abundância de vinho***. O vinho é o símbolo da *superabundância*, da qual também temos necessidade. O vinho é o sinal da alegria, da ***transfiguração*** da criação. Tira-nos da tristeza e do cansaço do dia a dia, e faz do “estarmos juntos” uma festa. Alarga os sentidos e a alma, solta a língua e abre o coração; e transpõe as barreiras que limitam a nossa existência. Não por acaso, na Tradição da Igreja, o vinho se tornou símbolo da *abundância dos dons do Espírito Santo*, de que nos falava hoje São Paulo. O milagre do vinho ajuda-nos assim a compreender o que significa receber na fé, o Espírito Santo: uma nova grandeza de coração, uma nova abundância de vida, cheia de alegria e de amor de Deus.

**3.** Mas dêmos mais um passo: no Evangelho, ***o vinho está ligado*** ***à festa das núpcias***. O vinho indica também a grandeza daquilo que acontece no Matrimónio: duas pessoas tornam-se uma só, graças ao amor, nelas derramado pelo Criador. Este amor faz do Homem e Mulher, *uma só carne*. **é o Amor que faz o casal.** **Não é o casal que faz o Amor.** É este amor divino que os forma e transforma o seu amor.

**4.** Há, portanto, uma *necessária transformação no amor,* sugerida na transformação da água em vinho. Também o amor humano precisa de ser tomado, elevado e transformado, pela graça do Amor de Deus. Todo o amor verdadeiro, se encaminha e se eleva, para a Hora da Cruz, para o dom supremo, como o de Jesus, o Esposo, que nos amou "*até ao fim*" (Jo.13,1). Trata-se aí do ***último e mais alto grau do amor***: Pois ninguém tem maior amor do que Aquele que dá a Vida! Como o vinho que inebria, o amor coloca a pessoa em «*êxtase»*: mas “*não no sentido de um instante de inebriamento, mas como saída permanente do coração fechado em si, para a sua libertação, no dom total e definitivo de si mesmo*” (DCE 6).

**5.** Caríssimos irmãos e irmãs: «***Deus é Amor***», constitui o lema do nosso ano pastoral de 2006-2007. Seja então este Tempo Comum, o tempo útil para descobrir e aprofundar o Amor de Deus, derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado. Conheçamos este amor no *diálogo com a Palavra* e na *intimidade da oração*. Celebremos a beleza deste amor na *Eucaristia*; vivamos, no concreto, este amor, na *prática da Caridade*. Se chegarmos *à descoberta e à experiência deste Amor*, então saberemos bem o que é a Vida em abundância, e o que é a alegria de Deus, na nossa vida. Esta é a grande alegria que hoje vos anuncio: Jesus está presente, somos amados por Ele “até mais não” e até ao fim... E isto sim, está estabelecido de uma vez para sempre!

# Homilia no II Domingo Comum C 2004

# Lectio

# **1. Estamos numa *boda de casamento*. E não numa cerimónia religiosa. Entre os convidados, está a Mãe de Jesus, Jesus e os seus discípulos. O clima de festa, de alegria, de aliança, está na iminência de se transformar num momento de vergonha e de tristeza, num beco sem saída, a comprometer a memória e o princípio da vida dos noivos. Quem se dá conta da falta de vinho, talvez por um apurado sentido feminino e por uma proximidade familiar que lhe permite chegar à conversa da cozinha, é a Mãe de Jesus. A dada altura parece que tudo se passa entre Ela e o Filho.**

# **«*Não têm vinho*», desabafa a Mãe de Jesus, dando-lhe conhecimento e ao mesmo tempo partilhando o seu sofrimento. Nas suas palavras, adivinha-se também a esperança de uma intervenção do Filho, que Ela, de certo modo, invoca e provoca naquela Hora. Jesus está «senhor» da situação e lembra a sua Mãe que a sua Hora ainda não chegou. Mesmo assim, sua Mãe põe e dispõe de todas as coisas, para o que der e vier. O mais importante é fazer o que o Filho mandar. E o que Ele manda é encher de água, seis talhas. Não são sete, porque a perfeição não existe, antes ou fora do agir de Deus…**

# **Levadas ao chefe de mesa, a “prova” confirma o sinal: o vinho era bom e muito. O que é estranho, quando todos já beberam bem. Era o primeiro «sinal» de um tempo novo, o tempo da nova aliança, o tempo da abundância. E Jesus é o Esposo que está connosco até à Hora em que nos for tirado. Os discípulos respondem ao sinal, acreditando em «Jesus, que manifestou a sua glória». A Sua alegria é viver no meio dos homens (Prov.8,31).**

# Meditatio

# **2. Certamente que esta leitura, muito lida na celebração do matrimónio, evocará em muitos a própria experiência do casamento, como sinal expressivo da aliança entre Deus e os homens, entre Cristo e a sua Igreja, ali representada por Jesus, a Mãe e os discípulos. E são muitos os casais que, olhando para Jesus, encontrão n’Ele o modelo de verdadeiro Esposo, que desposa a Igreja, sua Esposa, na dádiva de si mesmo, até à hora da consumação total na Cruz. Outros recordarão, por esta cena, dores e aflições, para as quais procuraram e encontraram na Mãe de Jesus uma intercessão atenta e um refúgio seguro. Outros ainda verão na Mulher atenta de Caná o rosto das suas mães, irmãs ou esposas, que no escondimento humilde da sua entrega, lhes proporcionam o dom imenso da alegria.**

# **3. Permiti-me, que me deixe inebriar pela riqueza, pela *abundância* e pela novidade daquele vinho. Por ser muito, por ser novo e por ser bom, constituiu para os discípulos, mais do que uma fonte de natural alegria, um *sinal* para a fé. Por este sinal, «*Jesus manifestou a sua glória e os discípulos acreditaram nele*» (Jo.2,11). Esta abundância, que decorre da presença do Senhor, sugere-me a abundância dos dons espirituais, dos carismas e ministérios, com que a Igreja é agraciada. Não por acaso, no Pentecostes, a abundância desses dons, a fervilhar na vida dos apóstolos, fez com que alguns desconfiassem de que estes estariam embriagados (Act.2,12). Este “vinho novo”, na Igreja do Ressuscitado, esta abundância de dons, de carismas, de serviços, de ministérios, é obra do seu Espírito Santo. E deviam constituir para nós, para a Igreja, um sinal claro, uma manifestação da presença viva do Senhor Ressuscitado.**

# **4. Ao preparar esta homilia, comecei a deitar os olhos pelos múltiplos dons espirituais, com que o Espírito Santo nos tem inebriado. E de que nem sempre nos damos conta. Mas são muitos. Há diversidade de dons, como o de cantar, o de acompanhar os deficientes, ou o de rezar em grupo, ou o de embelezar e de cuidar da Igreja e das suas obras. E diversos ministérios ao serviço da Palavra, como o dos catequistas e leitores, tão importantes para o anúncio do Evangelho e para a conversão de vida. Visíveis são os ministérios ao serviço do altar, como o dos acólitos e ministros da comunhão. Outros serviços, aos pobres, aos sós, aos doentes, aos imigrantes, às famílias, ao bom funcionamento do Centro, fazem da comunidade um lugar de acolhimento, de festa e de partilha. Há ainda os que ajudam na contagem, na angariação e administração dos bens. Não sei se teremos consciência de quem somos, de quantos somos, a construir a Igreja. O importante é ter consciência de que «*em cada um se manifestam os dons do Espírito Santo para o bem comum*».**

# **4. Que faltará afinal para fazer a festa? Para viver em aliança? Para promover a comunhão? Quem mais faltará, para fazer o que é preciso? Que «dom» ou que «dons» serão mais necessários e urgentes, para converter «água em vinho», para transformar a rotina em novidade, para converter o marasmo em festa, a organização paroquial em comunidade viva? Que nos falta para alcançar a abundância e a riqueza dos dons do Espírito Santo? Quem falta, mesmo que nos bastidores da vida paroquial, para atrair e renovar, como Maria e os serventes, o dom da alegria e da novidade, nestas nossas Paróquias? O Senhor não nos falta com o seu Espírito Santo. Não faltemos nós, com o nosso empenho e desempenho.**

# Oratio

# **E dêmos graças por todos os que já servem a comunidade, para que permaneçam na humildade do dom e do seu serviço à nossa comunhão. Imploremos do Espírito Santo, o vinho novo, o «*sangue novo*», para os serviços que mais reclamam novidade e abundância de pessoas.**

# Actio

# **Cada um de nós, terá de responder, ao mandato de Mãe de Jesus: «*Fazei o que Ele vos disser*»! Não haverá milagres se cada um não estiver e servir no lugar que lhe compete, a fazer o que é preciso. Só assim a Igreja dará resposta, a todos os que a ela acorrem na sua sede. Sede de Deus e da Sua alegria.**

# Homilia no II Domingo do Tempo Comum C 2001

**1.** Um casamento em Caná da Galileia. Depois da Estrela de Belém e das águas do Jordão, as bodas de Caná eram, de facto, o cenário ideal, para uma manifestação de amor. Jesus não perde a oportunidade. E, na falta do melhor, - «*a certa altura faltou o vinho*» -, Ele transforma em alegria a festa que prometia acabar em desolação e tristeza. Para isso só precisava de seis velhas talhas de pedra, dos tempos antigos, cheias de água até cima. Para romper com a pedra pesada do passado e fazer irromper os tempos novos da alegria e da comunhão. Dos homens com Deus e dos Homens entre si.

**2.** Jesus converte, pois, água em vinho. Que ainda por cima, é bom... e vem quando menos se esperava. Inverte assim a lógica das nossas expectativas e subverte a ordem comum das coisas habituais. Sem Ele, nada feito. E com Ele, nada será como dantes. Ele está primeiro e transforma tudo à sua volta. O que era velho... vai por água a baixo... E chegam os tempos novos há muito prometidos. Chegam por sua iniciativa e pelas suas mãos. Aos noivos e aos convidados, aos discípulos e a sua Mãe, Jesus torna clara a consciência de que dependem, em absoluto, d’Ele e da sua Hora. «*Sem Mim, nada podeis fazer*» (Jo.15,5), disse Ele um dia.

**3.** Percebemos, pois, que não há «*vinho novo*» e «*vida nova*», sem Deus, bem próximo e bem ‘casado’ com a nossa vida. Não há nova evangelização, nem novo milénio da era cristã, sem que Ele esteja primeiro. Sem que a sua graça vá adiante do nosso muito saber e tudo poder. «*Há uma tentação que sempre vicia qualquer caminho espiritual e também a ação pastoral: pensar que os resultados dependem da nossa capacidade de agir e programar. É certo que Deus nos pede uma real colaboração com a sua graça, convidando-nos por conseguinte a investir, no serviço pela causa do Reino, todos os nossos recursos de inteligência e de ação; mas ai de nós, se esquecermos que, «sem Cristo, nada podemos fazer»*” (N.M.I. 38). Ai dos serventes, nas bodas de Caná, se não fizessem a sua parte e o que Ele dissesse... ou se julgassem poder fazer alguma coisa sem Ele.

**4.** Por isso, entre as prioridades pastorais da nova evangelização, no novo milénio, João Paulo II refere a ***Oração*** (N.M.I. 32;38). A Oração permite-nos viver nesta verdade, de que dependemos em absoluto de Cristo, que está primeiro e, consequentemente, tudo o resto depende da nossa vida interior e da nossa santidade. «*Quando tal não acontece*, - diz o Papa - *não há que admirar-se se os projectos pastorais se destinam ao fracasso e deixam na alma um deprimente sentido de frustração*» (Ibidem, 38). João Paulo refere depois outras prioridades: a **Eucaristia Dominical** (NMI 35-36), para nos fortalecer, no ardor da missão e a **Reconciliação** (N.M.I. 37), para refazer os laços da nossa comunhão. Entre nós e com Ele.

5. No início do novo milénio, o Santo Padre, vem-nos assim recordar que Cristo, o Esposo, está connosco. E que o programa pastoral da Igreja «*é novo, já existe e é o mesmo de sempre. É Cristo, que temos de conhecer, amar, imitar, para n’Ele viver e com Ele transformar a história*» (N.M.I. 29). Vamos reflectir e aplicar este programa, ao longo dos próximos tempos. Para que as águas inquinadas das nossas vidas habituadas e cansadas... se convertam em vinho novo de alegria, de almas e comunidades sempre renovadas. Maria, “*Estrela da nova evangelização*”, Mulher e Senhora da Hora dos começos de seu Filho, nas Bodas de Caná, nos apareça, agora e sempre, como «*aurora luminosa e guia segura do nosso caminho, para Cristo*» (N.M.I.58).

**Homilia no II Domingo Comum C 1998**

**1.** *A certa altura, faltou o vinho*. Faltou o dom mais necessário à festa. Faltou um bem indispensável, na mesa do convívio. Faltou a alegria nas bodas de Caná! A Mãe de Jesus acusou o toque. «*Não têm vinho*» e Jesus parecia estar à espera da sua hora. Feita a parte de cada um, na obediência fiel às palavras de Jesus, *o milagre da transformação* acontece: Não falta vinho nas bodas. Muito, novo e bom. A necessidade dá lugar à abundância. Desaparece o velho e emerge o novo.

Nas bodas de Caná, Jesus dá início aos seus milagres. Viera ali dizer-se Ele próprio o verdadeiro Esposo. Que abraça a nossa Vida, na alegria e na aflição. Esposo ao serviço da comunidade dos seus discípulos, pronto a acudir, generoso no dar, disposto a tudo, até ao Dom total de si, na hora derradeira da Cruz. Esposo do amor indiviso, do amor invencível, do eterno Amor. Do amor que não falta, do amor que não falha, do amor de todas as horas...

**2.** Cristo continua a amar a sua Esposa, a desposá-la no seu amor. Cristo não deixa de comunicar à Igreja, sua Esposa, as riquezas divinas que jorram do seu coração. Jesus continua a não faltar à Esposa, com o essencial. A dar-lhe o que mais lhe faz falta. A enviar-lhe o Dom de que mais precisa! E qual é a primeira necessidade da Igreja? A mais importante, a mais decisiva? Realmente de que vive a Igreja? Qual o princípio interior da sua existência? Qual o princípio original, que a distingue de qualquer sociedade humana? Princípio tão indispensável como o vinho na festa, como o oxigénio para quem respira? «*Do que a Igreja mais precisa é do Espírito Santo* - dizia Paulo VI *- animador e santificador da Igreja, seu alento divino, vento das suas velas, seu manancial de luz e de força, seu apoio e consolação, sua fonte de carismas e de santos*» (Paulo VI, Audiência Geral, 29.11.1972).

Vivemos numa época de monotonia e de mediocridade. Fala-se de pensamento débil, do império do efémero, da era do vazio. Parece que se perdeu o direito ao sonho, ao arco-íris. Mesmo na Igreja faltam os génios, os criativos, falta quem desperte uma nova estação da esperança. Precisamos da força dos mártires, da veia dos profetas, da alegria dos apóstolos. Por isso, um novo tufão carismático, um novo irromper do Espírito seria bem-vindo. Precisamos do Espírito! É um bem de primeira necessidade na Vida da Igreja! “*É o Espírito que concede e reparte os seus dons como jóias à Igreja, Esposa de Cristo.**É Ele, de facto, quem suscita os profetas na Igreja, instrui os mestres, sugere as palavras, faz prodígios e curas, realiza obras admiráveis, concede o discernimento dos espíritos, confere os encargos de governo, inspira os concelhos, reparte e harmoniza qualquer outro dom carismático. Assim aperfeiçoa, por toda a parte e em tudo, a Igreja do Senhor*" (Novaciano Sobre a Trindade, XXIX, 9-10) tornando-a "*Esposa resplandecente de glória, sem mancha nem ruga, mas santa e imaculada"!*

**3.** Mas o milagre desta transformação, a «hora» do Espírito, só se manifestará quando cada um fizer a sua parte! Quando cada um puser ao serviço de todos, o dom recebido! E não há ninguém que não tenha sido agraciado. E portanto, ninguém excluído de dar. *Porque em cada um se manifestam os dons do Espírito para o bem comum!...*

Homilia no II Domingo do Tempo Comum C 1995

Era muito. Era novo. Era bom. Era o vinho! Era a alegria! Era a festa, eram as bodas, era a mesa. Era a comunhão. Era um casamento em Caná da Galileia. Era Jesus. Era a Mãe. Era o grupo dos discípulos. Era o primeiro «sinal» do amor! Era afinal tudo tão simples. A vida pública de Jesus tem início com uma festa, porque o anúncio da Boa Nova só podia começar com uma explosão de alegria. Cristo chega a um mundo cansado e triste e entra nele pela já esquecida porta da alegria.

Era ali Jesus, Deus com os Homens, sentado à mesa da comunhão e do amor. Era ali nas bodas, no casamento, a ocasião certa de manifestar ao mundo o amor de Deus que se entrega ao seu Povo, como Esposo, em comunhão de amor. Ali Cristo celebra a festa do amor de Deus que vive em aliança. Era o banquete da festa de Deus com os seus filhos. Já o profeta cantara este amor ao anunciar o regresso do Povo à comunhão com o seu Deus: «*Jerusalém, serás a predilecta do Senhor e a tua terra terá um Esposo. Tal como o jovem desposa uma virgem, o teu Construtor te desposará; e como a esposa é alegria do marido, tu serás a alegria do teu Deus*»!.. (cf. Is.62,1-5)

Mas o verdadeiro rosto de Deus, Deus da aliança e do amor, que se espelhava em imagem no amor esponsal do par humano, manifesta-se agora visivelmente em Jesus de Nazaré. Talvez por isso o Filho de Deus, ao entrar na festa das bodas de um casamento, se sirva da circunstância para manifestar aos discípulos o coração de Deus, Esposo do seu Povo!

Agora é Cristo, o Esposo. *Esposo entre os esposos*, a fazer jorrar a abundância da vida e o dom da alegria na festa da comunhão. Aí ele realiza o primeiro «*sinal*» do amor de Deus. Nas núpcias do vinho novo, muito e bom, Jesus «manifesta» um Deus que se entrega aos Homens em aliança de Amor... Mais tarde Cristo dirá: «*O Esposo está convosco*»! E qualificando-se assim como «Esposo», Cristo desvenda o segredo do coração de Deus, revela todo o seu amor, amor terno como o do esposo pela esposa...

Mais ainda, ao escolher esta imagem do amor humano como «sinal» do amor de Deus, Cristo manifesta ao homem a verdade profunda do amor esponsal. O amor que existe sobre a face da terra e que reaparece cada vez que duas criaturas se encontram e se amam é «sinal» do amor que Deus tem à humanidade inteira. Mais. Se este amor é sinal, ele contém já em si todo o dom do amor de Deus, é já obra d’Ele, e para Ele se deve orientar. **Aliás, se o amor humano é sinal do amor divino, é porque já em si mesmo é divino o amor humano...**

E como é então grande a exigência posta ao amor do par humano para que ele cresça como sacramento da nova aliança, como «sinal vivo» do amor de Cristo à Igreja. O amor com que Ele nos ama até à morte e morte de Cruz é a única fonte de amor eterno, fiel e fecundo. Fora d’Ele não há Amor, porque o Amor vem de Deus! E o casal humano ou vive o seu amor na participação do dom do amor de Cristo ou então não chega a conhecer plenamente o que seja o amor nem quanto sejam radicais as suas exigências. «O Esposo está convosco» como estava entre aqueles esposos que mutuamente se entregavam por toda a Vida. A um mundo sem alegria nem amor, não falte nunca o grande sinal do amor de Cristo à Igreja: o amor dos esposos!

***HOMILIA EM FÁTIMA***

***Card. JOSEPH RATZINGER***

*(Ester, 4,17ss; Ef 2, 47;* ***Jo 2, 1-10****)*

**1. A abundância = o amor desmedido de Deus!**

O Senhor ofereceu aos Hóspedes das Bodas de Caná cerca de seiscentos litros de saboroso vinho, das seis medidas, que os servos tinham enchido de água, segundo a ordem de Jesus. Mesmo considerando que as bodas orientais duravam toda uma semana e que todo o clã familiar dos esposos tomava parte na festa, resta todavia o facto de que se trata duma incompreensível abundância. A abundância, a profusão, é o sinal de Deus na Sua criação: Ele esbanja, cria todo o universo para dar espaço ao homem. Ele dá a vida numa incompreensível abundância. E, na Redenção, prodigaliza se Ele mesmo, faz se homem, penetrando toda a pobreza do ser humano, porque a Ele nada Lhe basta para manifestar o Seu amor. Esta abundância, esta prodigalidade, é a expressão do amor que não se põe a contar, que não enumera, mas, sem pensar em si, simplesmente se dá. Esta liberalidade, esta generosidade de Caná corresponde ao modo de Deus se manifestar ao homem, no decurso da história. Ela permite nos intuir a magnificência, a grandeza e a inesgotável bondade de Deus.

**2. O vinho novo = os dons do Espírito Santo = a embriaguez na sobriedade!**

Ao lado do milagre do vinho, encontramos, no Evangelho, o milagre do pão, no qual o Senhor, com cinco pães, sacia milhares de pessoas e dá tanto, que até sobraram doze cestos cheios de pão. Se o pão é símbolo do que o homem precisa, por seu lado, o vinho é o símbolo da superabundância da qual também temos necessidade. Ele é sinal da alegria, da transfiguração da criação. Tira-nos da tristeza e do cansaço do dia a dia e faz do estar juntos uma festa. Alarga os sentidos e a alma, solta a língua e abre o coração; e transpõe as barreiras que limitam a nossa existência. Deste modo o vinho tornou se símbolo dos dons do Espírito Santo.

A Tradição fala da embriaguez na sobriedade, que o Espírito nos concede já no relato do Pentecostes, segundo o qual os Apóstolos apareciam aos estranhos, como que embriagados. Na verdade, eles estavam em jejum e ao mesmo tempo embriagados, isto é, repletos da alegria do Espírito Santo, que os abria para uma vida de grandes horizontes, e lhes concedeu palavras, que não provinham deles mesmos, fazendo-lhes perceber a beleza da vida iluminada, pela luz do Deus vivo. Assim, começamos já a compreender um pouco do significado deste milagre do vinho, que João expressamente descreve como um sinal, portanto, como uma realidade que, indo além do acontecimento imediato, orienta para outra maior. **O grande dom deixa pressentir a natureza inesgotável do amor de Deus**, fala dum amor que provém da eternidade, que é incomensurável e por isso salvífico. O milagre do vinho ajuda nos assim a compreender o que significa receber na fé, através de Cristo, o Espírito Santo isto é, uma nova grandeza, uma nova elevação e uma nova abundância de vida.

**3. A festa das núpcias = Jesus reconduz o Homem à comunhão nupcial com Deus!**

Mas temos ainda de dar mais um passo, nesta nossa reflexão: como dissemos, o vinho cria a festividade. No texto do nosso Evangelho, o vinho está ligado à festa do matrimónio, à festa das núpcias. O vinho indica a grandeza do que, no matrimónio, acontece: duas pessoas tornam se uma só, graças ao amor, nelas derramado pelo Criador, que faz delas uma só carne, como diz Adão, no relato bíblico da criação, quando Deus lhe apresenta a mulher, e só então a sua vida é completa. Porém, deste modo, o Sinal de Caná aponta, ainda, para uma maior profundidade, que é esta: **Jesus veio para conduzir a natureza humana, a própria pessoa humana, à comunhão nupcial com Deus**. Deus e a Sua criatura devem tornar se um não uma carne mas um espírito, como diz Paulo (1 Cor. 6, 17). Paulo exprime o também assim: os crentes tornam se com Cristo um único corpo, o Seu corpo.

Em última análise, estas núpcias já tiveram lugar na Encarnação, no seio de Maria: Deus, o Filho de Deus, assumiu a carne humana, atraiu a Si o ser humano e assim o verdadeiro homem Jesus e o Filho de Deus eterno formam juntamente uma só pessoa. Este matrimónio, estas núpcias, que tiveram lugar no Mistério da Encarnação, devem alargar se através de toda a história, pois o Senhor quer "atrair todos a Si" (Jo.12, 32) para que, finalmente, "Deus seja tudo em todos" (1 Cor. 15,28).

**4. A Hora das núpcias = a Hora da Cruz, do amor até ao fim!**

A Hora de Jesus, de que Ele fala na resposta a Sua Mãe, é a Hora das Núpcias. Ele aproxima se desta Hora, para ela é que Ele está aqui. Essa Hora começa, como dissemos, com a concepção no seio de Maria e atinge o seu ponto mais alto na Cruz, que João, ao mesmo tempo, designa sempre, como o momento da glorificação de Jesus. Na Cruz, Jesus dá se completamente: A Cruz é o acto, no qual Ele completa e definitivamente se dá e, deste modo, a todos nos atrai para os Seus braços. Porque se trata do **último e mais alto grau do amor**, por isso, é que a Cruz é, em toda a sua humilhação, a Hora da Glorificação: pois, em nenhuma parte, o amor de Deus aparece tão poderosamente visível, como no momento em que o Filho nos amou "até ao fim" (Jo.13,1). Do lado aberto de Jesus correu sangue e água o Baptismo e a Eucaristia: isto é, os dois sacramentos fundamentais do cristianismo têm a sua origem aqui. A Eucaristia é o dom definitivo do vinho novo, numa profusão e abundância tal, que, através de todos os séculos, basta para todas as gerações. A este vinho, como oferta real do amor de Jesus, como manifestação real da Sua glória divina no meio de nós, antecipadamente se refere o dom do vinho de Caná.

**5. O maior milagre de Caná = a fé dos discípulos**

No final da história de Caná está uma palavra importante, mediante a qual o Evangelista manifesta o sentido do acontecimento: "Jesus revelou a Sua glória e os Seus discípulos acreditaram n´Ele" (2,11). O verdadeiro objectivo do acontecimento de Caná não é o vinho este é apenas o sinal, e já há muito tempo que se consumou e passou. O objectivo era antes a manifestação da glória de Jesus, o brilho da infinita bondade de Deus e o despertar da fé nos discípulos. **O milagre mais profundo de Caná é a fé dos discípulos**, os quais, para além do acontecimento exterior, começam a reconhecer uma coisa maior: a presença sacrossanta de Deus no meio de nós.

**6. A Missão de Maria**

E disso se trata também agora; e a partir disto podemos compreender a missão de Maria, que se torna bem visível no relato das Bodas de Caná.

**a) Aprender com Maria a avançar na relação com Deus, a partir das recusas!**

Maria não pede ao Senhor um milagre. De facto ainda não era claro, se o fazer milagres pertencia à Sua missão. Ela simplesmente apresenta ao Senhor a dificuldade, na qual os amigos se encontravam. Maria coloca tudo nas mãos de Jesus e abandona se a Ele e ao Seu operar. Nem sequer a aparente recusa a desanima. A sua confiança em Jesus e a unidade com a vontade do seu Filho permanecem ilesas.

Assim, ela nos ensina: que também nós, na nossa relação com Deus, devemos continuamente experimentar e avançar através de recusas. "Os meus pensamentos não são os vossos pensamentos..." A verdade desta palavra bíblica experimentamo-la na nossa vida.

É importante, então, despojarmo-nos da nossa maneira de ver e não nos abandonarmos à desilusão ou mesmo à dúvida. Deste modo, podemos aprender a deixar converter a nossa vontade, muitas vezes errada, de modo que ela se conforme à vontade de Deus e assim se torne reta.

**b) Fazei o que Ele vos disser! Maria, a condutora que leva à fé!**

Nesta passagem das Bodas de Caná está também a palavra de Maria aos criados, a qual, depois do Fiat, é talvez a sua mais bela palavra. Em última análise, ela é só uma aplicação do Fiat, do seu Sim, em relação a todos nós: Fazei tudo o que Ele vos disser. Isto significa, para nós:

- Conformai a vossa vontade à vontade de Deus.

- Escutai e estai prontos para o Seu chamamento.

- Reconhecei O como o Senhor, que vos indica o caminho e vos conduz rectamente.

Com estas palavras, convida os criados e convida nos também a nós à fé. Maria não pediu o milagre do vinho como tal mas aguardou inteiramente o que o Senhor iria fazer. Porém ela chamou à fé e conduziu para o verdadeiro milagre. Por isso, Isabel saudou Maria, por ocasião da sua visita, com as palavras: "Bem aventurada és tu porque acreditaste" (Luc.1,45).

Com a sua fé, ela abriu a porta para a Encarnação da Palavra, para as santas núpcias entre Deus eterno e a sua criatura, a pessoa humana. A partir da sua fé, como crente, ela é agora, como diz a Igreja Oriental, a Hodegetria (Senhora da Guia?), a condutora que leva à fé, ao interior do mistério nupcial do amor de Cristo. Ela antecipou assim o essencial do que aconteceu e mostra-nos o núcleo, o que para sempre importa saber!

**c) Fazei o que Ele vos disser! = Acreditai!**

Fazei o que Ele vos disser!

- Acreditai em Jesus Cristo, o Filho de Deus vivo.

- Acreditai com uma fé, que é amor; crede com uma fé que não é pura teoria, mas vida;

- Crede com uma fé que aceita a vontade de Deus, mesmo se a não conhecemos e se vai contra a nossa vontade.

- Acreditai e, no meio das coisas terrenas, vereis a glória de Deus, a superabundância e o brilho do Seu amor.

- Acreditai e vereis: onde os outros só vêem a cruz, uma existência falhada e um fim vergonhoso, vereis vós a sobremedida do superabundante amor de Deus, a Sua glória que nos salva.

- Acreditai e recebereis o saboroso vinho da presença de Deus na vossa vida.

- Acreditai em Deus e então as águas mesquinhas do dia a dia, os mesquinhos dons que oferecemos, hão de transformar se no vinho da Sua santa proximidade.

**7. Nossa Senhora de Fátima: a solicitude da Mãe pelos filhos da Igreja**

Isto nos diz, a isto nos exorta Maria, precisamente aqui em Fátima. As palavras "fazei tudo o que Ele vos disser" são expressão do amor, da solicitude maternal d´Aquela que, sendo Mãe de Deus, é também, por vontade de Cristo, nossa Mãe. De facto, junto à Cruz, o Senhor fez dela mãe do discípulo amado, mãe de todos os discípulos de Cristo Seu Filho e, portanto, nossa mãe. E como diz o último Concílio: "A maternidade de Maria na economia da graça perdura sem interrupção, desde o consentimento que fielmente deu na anunciação e que manteve inabalável junto à cruz, até à consumação eterna de todos os eleitos" (L.G. 62). É próprio das mães desejar e procurar o bem dos filhos.

Por isso também Maria Santíssima, que é Rainha, **Mãe de Misericórdia**, Mãe Clementíssima e intimamente associada à obra do Seu Filho, como nossa Mãe, na ordem da graça (L.G. 61), continua solícita a sua função materna, exortando nos a cumprir a vontade de Deus, a escutar e a pôr em prática as palavras do seu Divino Filho. Como em Caná, as suas exortações, a sua protecção e a sua maternal solicitude perduram por todos os séculos em prol daqueles que a "proclamam bendita por todas as gerações" (Lc 1,48). Através dos dois grandes sinais de Lurdes e de Fátima, ela está connosco, como **Mãe de Misericórdia** e nos exorta. Não precisa de muitas palavras, pois tudo está dito, naquela sua palavra essencial toda impregnada de solicitude materna: "fazei tudo o que Ele vos disser".

**8. Maria fala aos pequeninos, aos que não contam!**

Devemos notar também que Maria falou aos pequeninos, aos menores, aos sem voz, aos que não contam, neste mundo iluminado, cheio de orgulho de saber e de fé no progresso, o qual é, ao mesmo tempo, um mundo cheio de destruições, cheio de medo e cheio de desespero: porque, de facto, eles já não têm vinho, mas só água. Ó quanto isto tem aplicação hoje! Maria fala aos pequeninos, para nos mostrar o que é preciso saber: isto é, atender ao único necessário, ao inteiramente simples, ao que para todos é igualmente importante e igualmente possível: crer em Jesus Cristo, o bendito fruto do seu ventre. Nós lhe agradecemos esta sua presença maternal e por nos falar, como Mãe Clementíssima e Misericordiosa, aqui neste lugar, e dum modo tão vivo e tão expressivo. E é, por isso, que, com toda a Igreja, louvando a Mãe de Deus e nossa Mãe celeste, com as palavras da "Salve Rainha, Mãe de Misericórdia", lhe pedimos: "e depois deste desterro nos mostrai Jesus, ó clemente, ó piedosa, ó doce Virgem Maria". Ámen.

**HOMILIA DE BENTO XVI**

**Inspirada no texto das bodas de Caná**

Maria dirige ao seu Filho um pedido em favor dos amigos que se encontram em dificuldade. À primeira vista, isto pode parecer um diálogo totalmente humano entre a Mãe e o Filho e, efetivamente, é um diálogo repleto de profunda humanidade.

Todavia, Maria dirige-se a Jesus não simplesmente como a um homem, contando com a sua fantasia e a sua disponibilidade em socorrer. Ela confia uma necessidade humana ao seu poder a um poder que vai para além da habilidade e da capacidade humanas. E assim, no diálogo com Jesus, vemo-la realmente como Mãe que suplica, que intercede.

Vale a pena mergulhar um pouco mais profundamente na escuta deste trecho evangélico: para compreender melhor Jesus e Maria, mas precisamente para aprender também de Maria a rezar da maneira justa. Maria não dirige um verdadeiro pedido a Jesus, mas diz-lhe somente: "Não têm vinho" (Jo 2, 3).

Na Terra Santa, as bodas festejavam-se durante uma semana inteira; nelas participava todo o povoado, e portanto consumiam-se grandes quantidades de vinho. Agora os esposos encontram-se em dificuldade, e Maria simplesmente refere tal facto a Jesus. Não lhe pede algo específico, e ainda menos que Jesus exerça o seu poder, realize um milagre, produza vinho. Simplesmente confia a situação a Jesus, deixando-lhe a decisão sobre como agir.

Assim, nas palavras simples da Mãe de Jesus identificamos dois elementos:

Por um lado, a sua solicitude carinhosa pelos homens, a atenção materna com que sente a dificuldade do próximo; vemos a sua bondade cordial e a sua disponibilidade a ajudar. Confiamos-lhes as nossas preocupações, as necessidades e as situações de dificuldade. É aqui na Sagrada Escritura que vemos pela primeira vez a bondade da Mãe pronta a ajudar, em quem temos confiança.

Por outro lado, Maria remete tudo ao juízo do Senhor. Em Nazaré, entregou a sua vontade, infundindo-a na vontade de Deus: "Eis a serva do Senhor, faça-me em mim segundo a tua palavra" (Lc 1, 38). Esta é a sua atitude fundamental permanente.

É assim que Ela nos ensina a rezar: não desejar afirmar diante de Deus a nossa vontade e os nossos desejos, por mais importantes que sejam, por mais razoáveis que nos possam parecer, mas levá-los até à sua presença e deixar que Ele decida o que tenciona fazer. De Maria aprendemos a bondade pronta a ajudar, mas também a humildade e a generosidade de aceitar a vontade de Deus, dando-lhe confiança na convicção de que a sua resposta, qualquer que ela venha a ser, será o nosso, o meu verdadeiro bem.

Mas agrada-nos ainda menos aquilo que em seguida, em Caná, Jesus diz a Maria: "Mulher, que tem isso a ver contigo e comigo? Ainda não chegou a minha hora" (Jo 2, 4). Gostaríamos de objectar: tens muito a ver com Ela! Foi Ela quem te deu a carne, o sangue o teu corpo. E não apenas o teu corpo: com o "sim", que brotou das profundidades do seu coração, carregou-te no seu seio e, com amor materno, introduziu-te na vida e ambientou-te no seio da comunidade do povo de Israel.

Mas se falamos assim com Jesus, já estamos no bom caminho para compreender a sua resposta. Pois tudo isto deve evocar na nossa memória o facto de que por ocasião da Encarnação de Jesus existem dois diálogos que caminham juntos e se fundamentam um ao outro, tornando-se um só. Em primeiro lugar, há o diálogo que Maria mantém com o Arcanjo Gabriel, no qual Ela diz: "Faça-me em mim segundo a tua palavra" (Lc. 1, 38).

Aquilo que mais profundamente têm a ver um com o outro é este dúplice "sim", em cuja coincidência teve lugar a Encarnação. É este ponto da sua profundíssima unidade que o Senhor tem em vista com a sua resposta. É precisamente para ali que remete a sua Mãe. É ali, neste "sim" conjunto à vontade do Pai, que se encontra a solução. Também nós devemos aprender sempre de novo a caminhar rumo a este ponto; é ali que sobressai a resposta às nossas interrogações.

A partir dali, compreendemos agora também a segunda frase da resposta de Jesus: "Ainda não chegou a minha hora". Jesus jamais age exclusivamente sozinho; nunca para agradar os outros. Ele age sempre a partir do Pai, e é precisamente isto que O une a Maria, porque foi ali, nesta unidade de vontade com o Pai, que Ela quis inserir também o seu pedido. Por isso, depois da resposta de Jesus, que parece rejeitar o pedido, surpreendentemente e com simplicidade Ela pode dizer aos servos: "Fazei tudo o que Ele vos disser" (Jo 2, 5). Jesus não realiza um prodígio, não brinca com o seu poder numa situação que, em última análise, é totalmente particular. Não, Ele realiza um sinal, mediante o qual anuncia a sua hora, a hora das bodas, a hora da união entre Deus e o homem.

Ele não "produz" simplesmente vinho, mas transforma as bodas humanas numa imagem das núpcias divinas, para as quais o Pai convida através do Filho e nas quais Ele confere a plenitude do bem, representada pela abundância do vinho. As bodas tornam-se imagem daquele momento, em que Jesus leva o seu amor até ao extremo, deixa que o seu corpo seja dilacerado e assim se entrega a Si mesmo a nós para sempre, tornando-se um só connosco união entre Deus e o homem. A hora da Cruz, a hora da qual brota o Sacramento, em que Ele se entrega realmente a nós em carne e sangue, deposita o seu Corpo nas nossas mãos e no nosso coração: esta é a hora das núpcias.

Assim, também a necessidade do momento é resolvida de modo verdadeiramente divino, e o pedido inicial é ultrapassado amplamente. A hora de Jesus ainda não chegou, mas no sinal da transformação da água em vinho, no sinal do dom festivo, Ele antecipa a sua hora já no momento presente.

Santa Mãe de Deus, rogai por nós, como em Caná rogastes pelos esposos! Guiai-nos sempre de novo rumo a Jesus.

Amém!

**HOMILIA DO SANTO PADRE   
DURANTE A SOLENE CONCELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA   
NA PRAÇA DO SANTUÁRIO DE ALTÖTTING**

Segunda-feira, 11 de Setembro de 2006

**Homilia na Festa em Honra da Senhora da Hora 2009**

Não é o pão, nem a carne, não é o mínimo necessário, que falta nas bodas de Caná. Ali, em pleno banquete nupcial, acaba por faltar o vinho e, com ele, falta o sinal da alegria do coração e da profusão do amor! A abundância, que brotará das mãos de Jesus, aponta para o que é próprio de Deus, na Sua criação: *Ele esbanja, cria todo o universo, para dar espaço ao homem. Ele dá-nos a vida, a vida em abundância*. Esta abundância *é a expressão daquele amor gratuito, que não se põe a contar*, que não enumera, mas que, sem pensar em si, simplesmente se dá! Quando perde o contacto com Deus, sua fonte, também o amor humano, como o vinho velho, rapidamente se esgotará.

Frequentemente, falta também à nossa vida, não tanto o pão de cada dia, mas aquele *não sei quê* de excesso e de alegria, que dá qualidade à vida, perfume e sabor às coisas de cada dia. Falta-nos, por vezes, *aquele não sei quê* de alegria, de paixão, de entusiasmo e de festa interior, para que avance, com confiança, esta frágil barca de canas, que é o nosso coração! Há, de facto, na nossa vida, espaço para qualquer coisa de “excessivo”, de “belo”, de gratuito, que nos faz tanta falta, como o necessário!

**II.** Maria é a primeira a aperceber-se dessa falta, porque é Aquela que melhor conhece a alegria do amor! Podíamos, por isso, nesta Festa em sua honra, e à luz da Palavra hoje escutada, aprender de Maria, a **reconquistar a alegria do amor**, na prática de cinco atitudes muito concretas:

1. **Viver,** como Maria, na atenção do coração, a todas as horas do dia!

Em Caná, enquanto outros se distraem, Maria apercebe-se, com a atenção própria do seu coração feminino, materno e amigo. Na sala da Festa, Maria vê o que ninguém vê. Vive com atenção. E intervém provocando a hora. Preocupada com a falta do vinho, ela não diz a Jesus, de modo impessoal “*já não há vinho”*, como se isso fosse um simples facto material, mas diz, gemendo por dentro, “*não têm vinho*”, como um problema moral que lhe diz inteiramente respeito. Maria está atenta àquilo que falta, à pobreza imprevista, envergonhada, ou desconhecida. Maria ensina-nos então a viver na atenção do coração aos outros, quer nas horas de tristeza, quer nas horas de alegria; devemos, como Maria, vibrar com o pulsar do mundo, perscrutar os seus gemidos, as suas dores, as suas angústias e aflições. Maria é, em Caná, a imagem perfeita daquela Igreja atenta ao mundo, desenhada no Concílio: “*as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens do nosso tempo, sobretudo dos pobres e de todos os aflitos, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e nada* existe de verdadeiramente humano que não encontre eco no seu coração” (G.S.1). No coração da Igreja, como no de Maria!

1. **Interceder, como Maria, com confiança humilde**

Desta atenção, desta comunhão com as alegrias e angústias, brota a intercessão gratuita de Maria. Na primeira leitura e no evangelho, Maria, aparece-nos como “*pessoa que reza*”, Virgem dada à oração (MC 18), sempre a interceder por nós! Na sala de cima, no Cenáculo em Jerusalém, Maria guiou a Igreja nascente, na oração. Na sala das bodas, em Caná da Galileia, Maria intercede, junto de Jesus. Fá-lo sem se lamentar, sem acusar ninguém, sem procurar culpados. E dirige-se então a Jesus, seu Filho, não simplesmente, como a um Homem, contando com a sua fantasia e disponibilidade, para socorrer. Ela confia uma necessidade humana, a um poder, que está para além da habilidade e da capacidade humanas. É assim mesmo que Ela nos ensina a rezar: não rezamos, para firmar diante de Deus a nossa vontade e os nossos desejos, por mais importantes ou razoáveis que nos pareçam, mas rezamos para os levar à presença de Deus e deixar que seja Ele a decidir, o que mais nos convém.

**3. Envolver a todos, como Maria!**

Mas o facto de Maria se fiar e de nos confiar inteiramente a Deus, nem por isso nos descompromete, na resolução dos problemas. Maria é presença que envolve outras pessoas: Jesus, os criados, os comensais, o mestre-sala e por fim os discípulos. Maria e figura que agrega e convoca, em torno de si, semente de comunidades, matriz de comunhão. Ela é a mulher de relações abertas e criativas, que não se isola, está sempre pronta a estabelecer pontes e parcerias. Maria desafia-nos a ser assim mesmo, na família, na comunidade eclesial, na sociedade civil: nunca sem os outros, pessoas criadoras de relações, pessoas envolvidas e envolventes. Este é o método fundamental para que corra e escorra, sobre a mesa da criação e do mundo, o bom vinho da fraternidade e da alegria, fruto de uma autêntica cultura de solidariedade.

1. **Fazer tudo o que Jesus nos disser!**

Por isso, a oração implica a nossa ação: “***Fazei tudo o que Ele vos disser***”, indicou Maria. Isto é, acreditai, agi, empenhai-vos, trabalhai naquilo que Jesus vos indicar. Levai ao mundo a força revolucionária das palavras de Jesus. Fazer cumprir a Palavra de Jesus é o segredo de Maria, para a transformação do mundo, para reconquistarmos, a partir da nossa própria casa, a alegria do amor: seja daquele primeiro amor, que uniu os esposos e se estende agora sobre o marido ou a esposa, que se enganou; seja daquele amor materno e paterno, que se distende sobre o filho que errou; seja daquele amor paciente e prestável que se inclina, sobre o ancião que perdeu o juízo, sobre algum familiar doente; sempre daquele amor que tudo cobre, tudo crê, espera, tudo suporta (cf. I Cor.13,7).

1. **Esperar, contra toda a esperança!**

Por último, em Caná, Maria não se resigna perante a crise, como não se resignará, nem sequer perante o fracasso aparente da Cruz. É essa “*esperança*”, que a mantém de pé, em ativa expectativa, até chegar a “*Hora*” da cruz e da glória, da plena união entre Deus e os homens. Maria, tal como a mulher grávida ou como a mãe de criança ao colo, espera sempre, para lá do possível e do razoável. Espera contra toda a esperança! A esperança é virtude fundamental, se queremos encher, de novo, as ânforas vazias da nossa vida, com o vinho novo do amor e da alegria! Maria encoraja-nos a não desanimar, diante da demora na resposta, perante as dificuldades e problemas inevitáveis de todos os dias.

**III**. Por isso, neste mês de Maio, em que voltamos mais vezes “*ao colo da Mãe*”, e em que celebramos a Festa em Honra de Nossa Senhora da Hora, apetece-me rezar, por mim, e interceder por vós, assim:

Senhora da Hora, da longa espera e da demora, Senhora da alegria, Mãe que ri e chora, Mãe igual ao dia, Ave-Maria! **(…)** Pega em mim ao colo, Minha mãe de Maio! Olha que desmaio! Pega em mim ao colo! Pega em mim ao colo! O meu rosto afaga! Depois apaga a luz! Sou eu o teu Jesus! (adaptado de Dom António Couto)

**HOMILIA NO CASAMENTO**

Textos: I Jo 4,7-12; Jo 2, 1-11

1. **JESUS E O CASAMENTO...**

Jesus também foi a um casamento. Levou com Ele sua Mãe e os discípulos (cf. Jo 2,1-2). Foi convidado para as bodas e não deixou de partilhar, com os noivos e sua família, a alegria de ver dois corações unidos pelo laço do Amor.

Naquele tempo foi Jesus a um casamento. Dava assim um sinal de amizade, de reconhecimento e, no mínimo, um sinal de que (Jesus) apreciava e valorizava este acontecimento do casamento. De facto, Jesus, para começar a realizar os seus sinais, sinais da Nova Aliança, procura um ambiente festivo, como o das bodas. Ele mesmo se apresenta aí como o Esposo, que dará à sua Esposa, a Igreja, o vinho novo e superabundante do Reino de Deus.

Hoje, sois vós que vindes aqui, à casa do Pai, para convidar o Filho Jesus, para as vossas Bodas! Convidastes Jesus para que Ele abençoe o vosso amor, a vossa união. Diante d’Ele quereis prometer um ao outro Amor para toda a vida.

1. **O VOSSO CASAMENTO, SACRAMENTO...**

Casais em Igreja! Convidastes Jesus porque considerais que a vossa união não é um contrato humano, mas uma aliança, querida e tecida por Deus na vossa vida. Mas que tem Deus afinal a ver com o vosso casamento? Vejamos:

Cada sacramento é um encontro do amor de Deus na nossa vida. Quando uma realidade da vida nos faz sentir a experiência do amor de Deus por nós, essa realidade pode tornar-se Sacramento. O Matrimónio é Sacramento porque o amor que vos une e vos trouxe aqui vem de Deus. É sinal do mesmo amor com que Deus ama o seu povo e Cristo ama a sua Igreja.

A vossa união é sacramental porque significa e torna presente aqui na terra este mistério altíssimo da união de Cristo com os crentes, com a Igreja. Olhando para o vosso amor nós havemos de descobrir como Deus nos ama, como Cristo ama a sua Igreja. Será o vosso amor no mundo que nos há-de ensinar e sentir como é o Amor de Deus por nós. A (Noiva) sentirá o amor de Deus por si através do amor que o (Noivo) lhe comunicar... O (Noivo) sentirá o amor de Deus por si através do amor que a (Noiva) lhe comunicar...

1. **A FESTA DA VIDA E AS BODAS DO AMOR!**

É a festa da vida que hoje celebramos. Foi para que tivessem vida em abundância que Deus enviou o seu Filho ao mundo. «O amor de Deus por nós manifestou-se assim: não fomos nós que amamos a Deus, foi ele que nos amou primeiro e nos enviou o seu Filho, como vítima para nos salvar dos nossos pecados» (cf. I Jo 4,10). Seja sempre esta a regra do vosso amor. Que cada um procure sempre ser o primeiro a amar. Que cada um procure sempre tornar a vida do outro mais vida, mais feliz. Que cada um saiba que o amor tem a marca da cruz. Se o vosso amor é sinal do (amor) de Cristo à Igreja, olhai então como Ele nos amou: entregando a própria vida. Não pode ser de outro modo entre vós. «Se Deus nos amou tanto nós devemos amar-nos uns aos outros» (I Jo 4,11).

1. **FAZEI O QUE ELE VOS DISSER!**

Trazeis aqui o vosso amor de corações jovens, empreendedores, para que o Senhor o converta em amor autêntico, amor que vem de Deus... de Deus que é amor. O vosso amor mergulha hoje na grande corrente do Amor, que tem Deus como fonte e que se manifesta na pessoa de Jesus. Ele, que converteu água em vinho, só Ele pode converter a simpatia em amizade, a amizade em amor. O Senhor Jesus está contente por vós estardes aqui. Foi ele que inclinou os vossos corações, já desde o dia em que pela primeira vez vos olhastes. É Ele hoje que converte esta inclinação de amor em laço definitivo.

Tendes do vosso lado, Maria. Uma imagem de Maria em vossa casa recordar-vos-á as suas palavras nas bodas de Caná: "*Fazei o que Ele vos disser*" (Jo 2,5). Em todas as crises, dificuldades, em todas as dores, confiai-vos à Mãe do céu. Ela vos ensinará como vos aproximardes de novo de seu Filho Jesus.

«Fazei o que Ele vos disser» (Jo 2,5)! E o que Cristo vos diz hoje é simplesmente isto: «Amai-vos uns aos outros como Eu vos amei» (Jo 15,12).

**Homilia no Casamento**

**1.** *«A ALEGRIA DO AMOR, que se vive nas famílias, é também o júbilo da Igreja»* (AL 1). Este júbilo tem expressão simbólica no *vinho bom*, que alegra o coração humano; no vinho bom, que vem no fim da festa (Jo 2,10), e que ninguém sabe de onde vem, porque é obra das mãos de Deus, e por isso, expressão daquela alegria maior, da alegria completa, da perfeita alegria do amor, que só Cristo vos pode oferecer. Em Caná da Galileia, Jesus não só participa, como amigo, numas bodas de casamento, como é Ele próprio que «salva a festa», com o “*milagre*” do vinho bom! Solicitado pelos cuidados maternos de Maria, sua Mãe, Ele transforma o amor, de modo que a *água* das mágoas, das desilusões e tristezas, e até das lágrimas, se converte em *vinho novo*, de alegria, de festa, a suscitar a música e animar a dança do amor. E, assim, com Maria, que tudo conduz para Jesus, é toda a vida do casal e da família, que se renova nas fontes da alegria!

2. Esta alegria do vinho bom, que vem no fim, reporta-nos, ao princípio de tudo, quando Deus conclui a obra de criação com a sua obra-prima: *o homem e a mulher*. E então, diz o texto, “*Deus viu que era muito bom*” (Gn 1,31). Ora, em Caná, Jesus começa os seus milagres, precisamente com esta obra-prima, num casamento, numa festa de núpcias, com um homem e uma mulher que se dão e se recebem mutuamente. E também aqui, se diz do vinho, guardado para o fim, “*que era muito bom*” (Jo 2,10). Assim, Jesus ensina-nos que a obra-prima da sociedade é a família: o homem e a mulher que se amam, numa plena e total comunhão de vida e amor, que é exclusiva, é fecunda, é definitiva e nada exclui. Esta é, pois, a obra-prima de Deus. Este é o sonho de Deus, para a humanidade. É da família e a partir dela que se pode esperar a renovação do mundo.

**3.** Mas atenção, queridos noivos: o que acontece em Caná, em que o vinho da alegria corre o risco de muito depressa se esgotar, vem dizer-nos que a alegria do amor em família precisa sempre de ser cuidada, para não se transformar em água inquinada. “*O mesmo acontece com a vida do amor nos primeiros anos do matrimónio quando fica estagnada, cessa de mover-se, perde aquela inquietude sadia que a faz avançar”* (AL 219). Pelo contrário, devemos contrapor à imagem desta água inquinada, a do movimento de uma dança, em que cada um avança, na medida em que dá precedência ao outro. “*A dança conduzida com aquele amor jovem, a dança com aqueles olhos iluminados pela esperança, não deve parar; é ela que põe em movimento a ânsia de se manter num caminho de crescimento*” (AL 219), que passa necessariamente pelo sofrimento. Isto implica: *“aceitar que o matrimónio é uma combinação necessária de alegrias e fadigas, de tensões e repouso, de sofrimentos e libertações, de satisfações e buscas, de aborrecimentos e prazeres, sempre no caminho da amizade que impele os esposos a cuidarem um do outro, a presta**rem-se recíproca ajuda e serviço”* (AL 126).

**4.** Não esqueçais, porém, queridos noivos, que *a alegria completa* só Deus vo-la pode dar, só Jesus vo-la pode oferecer, como o fez aos noivos de Caná, ao transformar a água em vinho! Nenhum de vós está à altura de “*encher até cima as medidas*” (Jo 2,8) do outro, mesmo quando dá tudo; nenhum de vós pode, só por si, preencher e responder por inteiro aos anseios do coração do outro. Ambos sois limitados, para tal desejo de felicidade. Precisareis mesmo de aprenderdes a desiludir-vos um ao outro. E a fazerdes da fragilidade, uma força de atração e de proximidade, um ponto de encontro. Pois o que falta a cada um, mesmo quando recebe tudo do outro abre, é uma ferida aberta, que abre espaço para o outro e para Deus. Só Deus pode saciar, encher e preencher de alegria plena o vosso coração. Por isso, deixai sempre Jesus entrar na vossa vida e transformar, cada dia, o vosso amor. Que Deus abençoe os vossos sonhos e seja louvado nos vossos hinos de amor, de paz e de alegria.